"O HOMEM QUE NASCEU PÓSTUMO"

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

O HOMEM QUE NASCEU PÓSTUMO

I

2.ª Edição

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.
Praça da Sé, 47 — Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 31-0238
SÃO PAULO

1.ª edição — abril de 1954
2.ª edição — novembro de 1958

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

Págs.

O Tema da Rebelião dos Escravos
e outros temas 51
O Tema da Cultura 121
O Tema da Moral 171

"ALGUNS NASCEM PÓSTUMOS..."

Nietzsche

Referindo-se à pouca compreensão de seus livros pelo leitor comum, ainda preso aos preconceitos de dois mil anos de uma educação caluniosa à vida, e dominada apenas por esquemas abstractos, Nietzsche dizia:

"Quanto ao problema da compreensão ou da incompreensão, tornar-se-á um assunto supérfluo, por estar êle muito longe ainda da actualidade.

Eu mesmo não sou um homem actual; *alguns nascem póstumos.*

Chegará o tempo em que surgirão

institutos, nos quais se viverá e ensinará o que entendo por viver e ensinar; talvez se instalarão cátedras especiais para interpretar "Zaratustra".

Contudo, eu estaria em flagrante contradição comigo mesmo se esperasse encontrar desde já ouvidos e *mãos* dispostos a acolher as *minhas* verdades: que hoje não me ouçam, que não se queira aceitar nada de mim, parece-me não só natural mas até justo".

Em outra passagem de sua obra, presumia que só muitos anos após a sua morte viriam os seus leitores. Já entramos nesse período, e só agora é Nietzsche realmente estudado de ângulos mais precisos.

Sôbre três figuras da história foi escrito o maior número de obras: Cristo, Napoleão e Nietzsche. Num período de cinqüenta anos, neste

século, ninguém recebeu uma literatura tão abundante. E se dá com êle o que se não dá com outros, que brilham muito, e depois são esquecidos. Nietzsche, cada dia que passa, é mais lido, mais analisado. Seus temas estão aí presentes em tôda a filosofia moderna, e colocados, bem ou mal, do ângulo que êle desejou colocar.

É natural que êste livro, que ora publicamos, focalize apenas alguns dêsses temas, pois a temática nietzscheana apresenta-os numerosos, além da complexidade da sua problemática, à espera de exgeses por parte dos estudiosos de todos os campos do saber humano.

Pode dizer-se sem receio, e o provaremos ainda no futuro, que não há tema actual geral, nem nas ciências naturais nem nas culturais, que não tenha sido por êle colocado. E sua temática exigirá, não êste sécu-

lo, mas possivelmente dois séculos de estudos, de respostas às perguntas por êle formuladas, bem como para verificar a procedência ou não de muitas das suas soluções.

Considerava êle que uma época poderia ser medida pela sua capacidade de reconhecer os grandes homens. E não tinha dúvidas quanto à que vivia. Não admirava o homem bovino que se formava na Europa e que iria, neste século, como o foi, constituir a maior ameaça de termitismo, ou de abelhismo humanos.

Compreendia merecer "Zaratustra" interpretação após estudos acurados. Obra simbólica, de feitura alciônica, de difícil penetração pelos não-iniciados, seria um livro dos mais lidos, um livro de todos, mas também de ninguém.

Em nosso último tema, sôbre a mística, procuraremos dar uma análise simbólica da obra nietzscheana

e da sua mistagogia. Compreendemos que o nosso trabalho completa-se, com "Assim Falava Zaratustra", cujas anotações sôbre a simbólica, permite tornar claros muitos aspectos.

"...Entender sòmente umas seis frases (de "Zaratustra"), o que equivaleria a *vivê-las*, elevaria o leitor a um grau de humanidade bem mais alto do que poderiam alcançar os homens "modernos"..., afirmava êle. A penetração no mundo dionisíaco de Zaratustra levará os homens a um "olhar goetheano de boa vontade e de amor", aproximando-os no alto das montanhas, de onde olharão o nascer do sol com a mesma altivez das águias.

Nietzsche não procurava leitores; procurava os *seus* leitores.

Considerava sua obra como dinamite, e julgava-a absolutamente imprópria para a juventude, porque o

seu imoralismo — e muitas vêzes o afirmou — seria compreendido por ângulos diversos de os por êle desejados.

Ademais, como transmitiria a sua "verdade" a qualquer um? E antes de tudo se deve compreender que, para Nietzsche, uma verdade só o é quando é transmissível. E sabia que poucos, muito poucos, estariam naquela disposição simpática que permitiria recebê-la. Além disso, a maioria dos leitores toma uma posição feminina: gosta de ser fecundada .

Nietzsche não queria fecundar, mas apenas romper cadeias, romper elos, dissolver teias de aranha.

*

Nietzsche, para Brandes, foi um libertário aristocrata. A dignidade do homem estava no uso da liberdade. Pode ser alguém um nietzs-

cheano quando aliena sua personalidade a uma seita?

Que obedeçam os que não são capazes de mandar em si mesmos, mas o homem livre não pode ser apenas o reflexo de seus superiores. Para seguir Zaratustra, é preciso afastar-se dêle. O verdadeiro nietzscheano afasta-se dêle; conhece-o à beira do caminho, ouve as indicações que oferece, aproveita a sua experiência, mas despede-se dêle para buscar a si mesmo, para encontrar-se, para interpretar o seu próprio papel.

Não foi acaso êle quem disse: "quem segue a sua própria estrada, ergue a minha imagem a uma luz mais clara"?

Devemos ser o que êle foi, sincero sempre em cada um dos "nossos" instantes, e tão sinceros que não devemos temer contradizer-nos, repelir-nos até em nossas afirmações.

"Quero andar com homens que tenham o seu próprio modêlo e não o devem ver em mim. Isto me tornaria responsável pelo seu modêlo e far-me-ia torná-lo escravo". "Quero provocar sôbre mim mesmo a maior desconfiança".

"Fugi de min., cuidai-vos de Zaratustra. É da humanidade, de um mestre pôr em guarda os próprios discípulos".

Nietzsche foi um libertário, e Brandes foi o primeiro a compreender.

É êle um exemplo do homem livre, dêsse homem livre que há séculos luta contra todos os obscurantistas que se obstinam em negar-lhe a única qualidade verdadeiramente humana que possui: a de ser livre, a de poder ser livre, a de poder e dever ser livre, fiel a si mesmo, e viver plenamente a si mesmo em

tôda a gama de sua diversidade, contradição, fraqueza e sonho.

"Nada há em mim de um fundador de religiões. Não quero crentes; creio que sou demasiado maligno para poder crer em mim mesmo. Não falo às massas.

Tenho um horrível mêdo que um dia me santifiquem... êste livro (são de "Ecce Homo" estas palavras) deve esconjurar o perigo que possa advir dos excessos sôbre minha pessoa".

Não queria crentes, mas aquêles que se dizem seus seguidores querem crentes. Não era um fundador de religião, mas os fundadores de novas religiões, os divinizadores da matéria, que a tornam infinitamente criadora, e os idealistas de um autoritarismo totalitário, querem fundar novas religiões.

Não falava às massas; e êles apenas se dirigem às massas. Nietzsche não adulava os pequenos, queria o surgimento de grandes homens, e fortes.

Nos seus últimos dias, teve outra vez fé nos homens e suas palavras são de confiança e de amor. Libertar o homem da massa será a nossa maior tarefa.

Não são tais atitudes as de um verdadeiro libertador?

Os defensores da fôrça e da brutalidade buscam uma filosofia para justificá-las. Buscaram a Nietzsche, que se prestava às interpretações favoráveis ao sentido crepuscular do nazismo. Entretanto, deve salientar-se:

Nietzsche declarara que desejaria ter escrito seu livro máximo: "Vontade de Potência", em francês. Êle mesmo usa de expressões francesas

tanto quanto pode. E além disso, ajuntava: "para que não parecesse êsse livro uma confirmação de qualquer das aspirações do Reich alemão".

"Custa caro chegar ao poder; o poder embrutece..." Isso é nietzscheano. Não se iludia com o novo deus adorado pelo homem bovino: o Estado.

"Cultura e Estado — não é possível enganar-se a si mesmo — são antagonistas." Estado cultural "é sòmente uma idéia moderna. Um vive do outro; um prospera às expensas do outro. Tôdas as grandes épocas de cultura são épocas de decadência política: o que é grande no sentido da cultura foi impolítico, até anti-político..."

E já refutava prèviamente o socialismo autoritário, cujos malogros,

neste século, vinham corresponder à sua crítica.

O socialismo de Estado não é um progresso humano, mas uma fórmula viciosa. O que havia de socialismo no nazismo? O Estado torna-se senhor, único, absoluto. É uma autocracia de grupo, de casta, como o é na Rússia dos senhores do feudalismo burocrático. Êle negava êsse estado "nec-plus-ultra" dos socialistas, êsse Estado absorvente, totalizador, criador de homens de rebanho, negador das excepções. Ninguém poderia elevar a voz de Zaratustra num Estado de opressão, de massas bovinas. A interpretação totalitária da obra nietzscheana é uma grande mentira e uma grande falsificação.

No "Tema da Guerra e do Estado", no corpo desta obra, focalizaremos ainda outros aspectos, onde

as provas se amontoarão para refutar tôda essa mentira que se espalhou.

É um dos aspectos mais dolorosos da cultura verificar-se como as mentiras conseguem impor-se e perdurar por tanto tempo. Valeria a pena colecionar tôdas as mentiras históricas sôbre o pensamento humano, repetidas nas escolas, nas universidades e nos livros, em conseqüência de muitos não se dedicarem preferentemente ao estudo dos textos do que às obras de exegese.

Ouçamos esta frase de Nietzsche:

"Em geral, a tendência do socialismo como a do nacionalismo é uma reação contra a formação do indivíduo. Êles têm suas dificuldades com o ego", com o "ego" semi-maduro, insensato; querem-no colocar de novo sob a campânula da ordem, da regra", do *super-nós* do totalitarismo, diríamos.

Quem leu, compreendeu e sentiu a obra de Nietzsche sabe que tôda a sua acção foi verdadeira dinamite contra os conceitos generalizadores, contra tôdas as concepções de totalização. Desafiou o formalismo exagerado, esgrimiu com violência contra o racionalismo, combateu as "totalidades fechadas". A totalidade, para êle, é uma simplificação, uma sistematização da "praxis" humana. Nós universalizamos as idéias, damos-lhes um carácter total, sem que isso implique realidade, mas por ser simplesmente cômodo.

Humanidade, vontade, instinto, razão, amor, fraternidade são universalizações. Se os homens lutam sob a mesma bandeira e se desavêm, tal se dá pela diferenciação do conceito universalizante. Dois homens falam de amor e não se entendem, e assim podem discutir e se engalfi-

nharem por defender a liberdade. Através da obra de Nietzsche, por centenas de vêzes, essas afirmações estão claras, expressivas, categóricas. O totalitarismo é, para êle, uma fórmula primária e preconceitual. Tôda e qualquer tentativa que tenda a totalizar representa uma afronta à dignidade do homem. O nazismo nivelava os homens pela obediência, aceitava a teoria da guerra eterna no sentido de Klauss Wagner, e afirmava a dialéctica rosenberguiana da "luta dos contrastes". Ora a dialéctica trágica de Nietzsche fundamenta-se na "transubstanciação" e na transfiguração. A luta é eterna, porque o movimento é eterno, e aceitar o equilíbrio é cair na interpretação comumente mal compreendida do pensamento hegeliano. A síntese marxista inclui a afirmação e negação da tese e da antí-

tese. Mas Nietzsche dá um passo mais à frente e aceita a transubstanciação. A síntese não é simplesmente uma afirmação-negação dos contrários. É muito mais: é a inseparabilidade dos contrários, muito próxima às antinômias de Proudhon, da contemporaneidade antinômica, que cooperam para alcançar o que êste chamava de "justiça".

Eis o que separa profundamente a concepção dialéctica nietzscheana da concepção hitlerista, que se fundamenta no choque dos contrários, choque eterno, sem solução, competidor e não cooperador. É como a conservação eterna das negociações, sem aceitar a superação dessa luta, pois quer eternizá-la.

*

Êsses dois mil anos de calúnia contra a vida, deram-nos um homem postergado, preterido às coisas,

além da valorização dos números e das abstrações que aumentam sobretudo no campo dos que se julgam os mais realistas, os mais objectivos, como se a objectivação não fôsse já uma abstração. Esgrimia Nietzsche suas armas contra tôdas as falsificações, tôdas as mentiras. Sabia êle que era contemporâneo de um dos momentos mais tristes da história, porque poucas vêzes o homem caíra tão baixo.

"...Vós, cavaleiros da Triste Figura, fabricadores e vendedores de teias de aranha espirituais, vós sabeis muito bem que não importa se tenhais ou não razão; sabeis que nenhum filósofo, com o decorrer do tempo, tem razão; que há muito maior verdade nos pontos interrogativos que pondes atrás de vossas palavras e frases favoritas (e se vem ao caso, também atraz de vós mes-

mos), que em todo o esplendor solene com que vos revestis entre os acusadores e os tribunais..."

Não está ainda muito da filosofia jungido aos preconceitos de um passado que não é todo o passado, mas apenas um dos seus aspectos preferentemente actualizados? Não preferimos conservar o que havia de falso, de frágil, de mentiroso na filosofia, e rejeitar o que havia de criador, e construir tôda uma "teia de aranha" metafísica na qual se aprisionaram até os seus próprios criadores? Um mundo de conceitos, de estandartizações pensamentais, de um logicismo anti-vital, acósmico, permitiu a construção de tôda uma ciência que se dava na vida, mas continuava lutando contra a vida.

Criamos um passaporte para tôda a superficialidade e "sôbre as bases

sólidas e incomovíveis da ignorância, pôde-se fundar até o dia de hoje a ciência; pôde-se fundar a vontade de saber sôbre a base de uma vontade muito mais poderosa, a vontade de não saber, da incerteza, da mentira. E não como um oposto, mas como uma feição e um requintamento".

E essa hipocrisia penetrou até o sangue. "De quando em quando nos inteiramos disso, e rimo-nos em nosso interior ao pensar que o melhor de nossas ciências trata de entreter-nos neste *mundo simplificado*, inteiramente artificial, alterado e falseado conscientemente..."

Julgamos ser o menos hábil o processo de analisar Nietzsche sob os esquemas do pensamento racionalista. Sabemos também que muitos desejariam que assim o fizéssemos. Mas prender Nietzsche dentro de es-

quemas seria negá-lo e não dar a vivência de seu produzir-se flamejante e contraditório. Seu pensamento livre e fragmentário, indisciplinado para os categóricos defensores de um esquematismo *à outrance*, levou-o à incompreensão dos seus contemporâneos. Foi por isso que só se tornou conhecido graças aos espíritos livres, em cujo pensamento pressentiram aquela pujança da liberdade e o compreenderam como um afin. Foi Brandes, o grande crítico do século XIX, o amigo de Ibsen e Strindberg, que levou o nome de Nietzsche ao mundo. Era difícil compreender a liberdade que se respirava em suas páginas, quando o homem bovino unia suas fôrças para ameaçar a cultura e destruí-la.

Sincero demais, convicto de seu valor, e do que era, teve a petulância de dizer o que pensava de si

mesmo. Proclamou-se gênio. Que crime extraordinário o de quem se proclama aberta e pùblicamente que é uma exceção. Todos os que se julgam gênios, e proclamam a si mesmos, sem a audácia de o fazer de viva voz, revoltaram-se contra Nietzsche, num gesto que o psicanalista logo classificaria de auto-punição.

A loucura posterior, que o acometeu, vinha ajudar a argumentação de todos os energúmenos que o combateram. Ao ver um bruto martirizar um pobre animal de carga, num gesto de revolta, defende-o e escorraça o agressor a chicotadas. Depois, em lágrimas, abraça-se ao pobre animal, exclamando, "meu irmão, meu pobre irmão!". Êsse gesto franciscano provocou risos, gargalhadas de homens "equilibrados e sãos".

E depois sereno, com um rosto onde se expressava a bondade, êle viveu o resto de sua vida entregue à música e ao silêncio. Nesse período, tudo quanto escreveu mostrava incoerência, desordem racional. Perdera a razão... Por acaso não foi o que tanto desejara? Não era sempre o seu desejo libertar-se da rigidez dos esquemas abstractos? Lembra-nos um homem religioso que acusava a Nietzsche da sua loucura e esquecia a loucura de tantos santos e de tantos crentes. É que o ataque endereçado ao Cristianismo não fôra compreendido pelos que se dizem cristãos.

*

Como a obra de Nietzsche é alciônica e sempre escrita num tom de voz mais alto, é natural que os homens da planície, amantes da mono-

tonia ruidosa dos "sapos", repilam as suas exclamações. (1)

"Não existem livros mais soberbos e ao mesmo tempo tão requintados quanto aos meus: alcançam êles, aqui e acolá, ao ponto mais alto a

---

(1) Poderíamos admitir um Napoleão sem pontos de exclamação? Um Alcebíades, um César, um Alexandre?

Poderíamos expressar, assim, esta frase:

"Do alto destas pirâmidas quarenta séculos vos contemplam."

Não sentem todos que falta alguma coisa? E assim:

"Do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!"

Não sentimos o tom de voz? O ponto de exclamação é uma das curvas altas da literatura, da arte, da poesia, da oratória.

Os que se erguem contra o ponto de exclamação e contra a eloqüência, quem são êles? Os acentos de surpresa, de pasmo, de admiração, de êxtase, de revolta, de raiva, de ódio, de entusiasmo necessitam pontos de exclamação.

que se possa chegar: ao cinismo; — é necessário, por isso, conquistá-los com dedos delicadíssimos e ao mesmo tempo, com pulsos valorosos. . ." São frases como essas que fundamentam a acusação da megalomania nietzscheana.

". . .Possuo, em suma, a mais completa arte do estilo que jamais homem algum possuiu."

". . .A arte do *grande* ritmo, do *grande estilo* na confeção dos períodos, para exprimir num enorme "crescendo" e "diminuendo" de paixão sublime, sobrehumana, foi descoberta ùnicamente por mim; como um ditirambo, como é o último do terceiro livro de Zaratustra, aquêle que se intitula "Os sete sêlos", eu ascendi mil milhas acima do que até então se chamava poesia".

Atingindo seu desejo dionisíaco de alienação do racional, fugindo a tô-

das as regras que até então a modéstia estabelecera para as relações entre os homens, êle realizou-se plenamente nesse livro. Foi o livro de um homem que já conhecera o caminho que levaria ao superhomem. Falou de si com a ingenuidade e com o cinismo que êle sempre considerara como imprescindíveis a tôda obra superior. Êsse livro, mais que qualquer outro, representa a mais sincera, leal e nobre confissão de que alguém fêz de si mesmo.

Nietzsche sempre foi um solitário. Vivia ausente dos outros homens. A sua humanidade não consistia em simpatizar com os homens, mas em *suportar* a sua proximidade... "A minha humanidade é uma contínua vitória sôbre mim mesmo". Acusam-no por isso. Sua ausência, êsse desejo de solidão, o homem de rebanho não perdoa, porque não

compreende. O homem do rebanho *precisa* do rebanho.

A megalomania é comum a homens superiores. Schopenhauer também se julgava um gênio, quando ainda se lhe fazia o cerco do silêncio. Goethe, Kant, Napoleão, Epicuro, Alexandre, Aristarco de Samos... a história está cheia dêsses homens que jamais usaram da falsa modéstia.

A megalomania nietzscheana tem servido de repasto aos psicólogos desherdados. É fácil buscar-se na sua obra, sobretudo em "Ecce Homo", sintomas de loucura.

A obra de um autor vive por si mesma e independe (quanto à apreciação) das circunstâncias que geraram. A loucura é sempre um estigma para os medíocres, e o gênio está sempre nessa faixa que precede à loucura. Pelo menos conhece essa

fronteira, e viceja sempre nesse estreito lugar, mas o gênio liberta-se pela criação. A megalomania de Nietzsche seria intolerável se êle não merecesse nenhum daqueles títulos. Um superficial que se julgasse gênio mereceria sorrisos, mas um gênio, que tem consciência de sua genialidade, merece respeito.

*

A finalidade de sua obra é a luta contra tôda espécie de fariseísmo, de saduceísmo e de filisteísmo. Luta pela vitória da natureza contra tôdas as fôrças que se impuseram para desmerecê-la. Luta pela valorização dos nossos instintos caluniados por certos predicadores da moral; luta contra a hipocrisia. Analisando a moral, mostra tôda a sua etiologia, e põe de manifesto a auto-sugestão exercida pelas nossas próprias pai-

xões na consciência, e o perturbador influxo exercido no espírito pelo vírus fatal da má consciência, êsse envenenamento milenário, êsse péssimismo moral, que corrompeu as fontes da vida.

Filólogo, estudou a influência das palavras na metafísica. O homem acreditou que dando um nome às coisas havia determinado a sua essência, e pensando haver realizado uma ciência mais elevada dos sêres, nada mais fêz que um sistema convencional de têrmos. E assim acabou por definir a metafísica como "a ciência dos êrros humanos, elevados à categoria de verdades fundamentais". E tinha razão quanto à forma viciosa que a metafísica acabara assumindo na filosofia moderna.

Nietzsche estabeleceu um critério, uma orientação na filosofia, pro-

curando libertá-la do antropomorfismo, que fala mais aos apetites e interêsses que à verdadeira e desinteressada sêde de verdade, de que tanto o homem afirma possuir.

O alcance dessa deshumanização é "dissipar as sombras que o homem projetou ao redor de si por efeito de suas paixões, de seus sentimentos, de sua sensibilidade".

Por essas paixões, por êsses sentimentos e por essa sensibilidade, o homem carregou-se de cadeias. Formou algemas, criou limites para a sua visão, estreitou horizontes, aprisionando-se na planície de um falso objectivismo.

Nietzsche combate ferozmente êsse homem objectivo, que êle situa incarnado històricamente em Sócrates, êsse homem objectivo que procura, que luta "para tornar o mundo auxiliado pelos teólogos, pelos mora-

listas e pelos metafísicos, numa imensa escola, num laboratório ou num cárcere".

E nesse momento de limitação para a ciência, quando assistimos que para ela se estabelece uma nova fronteira, uma fronteira mais séria que tôdas as que já se estabeleceram, a opinião de Nietzsche avulta de valor, quando nega a essa ciência a possibilidade de explicar o sentido da vida. Não aceita na objectividade, e sim na união das duas metades do homem: a objectiva e a subjectiva.

Essa última vive oculta, silenciada pelas imposições morais do ambiente, pelas cadeias que os homens construíram para ela. Sem a união dessas duas metades não teremos o homem integral, a totalidade do indivíduo. Tôda a história humana, para êle, não tem sido mais que a

luta dessa outra metade pela sua libertação, para se impor, conquistando os campos que os deuses interditaram.

"O homem tem disputado palmo a palmo aos deuses a posse do mundo e quer agora ser dono do seu destino".

"A ciência nunca passará de nos proporcionar uma cultura dos meios e não dos fins. E com isso fica afastado o êrro dos que acreditam que a filosofia nasceu da ciência e terá, afinal, de converter-se e reduzir-se à ciência".

"...as culturas se explicam, em grande parte, pelo sentimento que ilumina ou obscurece sua vida, e se transformam pelas grandes metarmofoses dêsse mesmo sentimento".

Não é isso Spengler?

Para êle o conceito de cultura compreende factos espirituais, sub-

jectivos, dos quais a ciência é uma pequena parte, uma disciplina intelectual, para fins práticos, a qual não absorve de maneira alguma a actividade intelectual e subjectiva do homem.

"A cultura é a plenitude da vida espiritual colectiva. A autoridade não basta para lograr esta unidade; impõe-se um pensamento latente, a acção radiante de uma vida interior, à qual ajustamos nossos passos, pela qual estão condicionadas as nossas instituições".

E quanto à arte, é pela exaltação, pela arte como potencialização do homem, quando diz que ela não pode pretender encerrar em seus quadros o conteúdo total de uma cultura.

Apesar do "seu carácter sintético", a arte se alimenta de estados contemplativos, desinteressados, es-

tados êsses que depuram, que selecionam, e que raramente debilitam a vida. Em regra geral ela é uma potencialização da vida, é uma interpretação, um tom de voz mais alto nesses estados contemplativos, quer objectiva, quer subjectivamente.

A unidade do mundo objectivo e subjectivo não existe na natureza, onde êle não aceita a causação unívoca do ponto de vista científico, mas no sentido do protofenômeno de Goethe, e de Spengler. Além disso, a unificação da vida é um acto pessoal, subjectivo. É o homem que unifica o disperso, é o homem que faz a ciência, a arte, a filosofia. Por isso, na natureza, há estética, mas só no homem há arte, porque esta é criação do homem, que vê com olhos mais profundos as coisas do mundo ou as ouve com um ouvido mais

apurado. Só essa interpretação é capaz de elevar o homem além da própria humanidade. Só essa maneira de perceber as coisas do mundo, com olhos mais vivos e ouvidos mais subtís, onde exista uma hipertensão, uma hiperestesia, é capaz de elevar o homem acima da sua pequenez. É a arte, não mais com a égide e o destino infeliz, que lhe querem marcar as escolas modernas de simples arte pela arte, sem outra finalidade, mas como um fim mais elevado, como fôrça, como criadora de potencialidades, como progresso afectivo, como meio de exarcebação de impulsos naturais, como magia e como mística.

A ciência faz-nos pesados, como êle diz, faz-nos limitados, estreitos; é a morte subjectiva do homem, pelo límite, pelo contôrno. Na nova cultura ecumênica, que vem de um

longo filete na história, e que se actualiza aos poucos, teremos a formação de filosofias mais livres, mais criadoras, livres de proselitismo. A libertação do homem será conquistada pela superação de si mesmo. A nova cultura revelará o homem impondo-se à natureza, como intérprete e como reformador. É o homem dando côres onde elas existem parcas e esmaecidas, é o homem emprestando sons onde êles não se ouvem mais, criando e fugindo à objectividade unilateral, conquistando o mundo e construindo dentro de si uma nova imagem.

Difícil a caminhada dessa cultura; difícil e trágica. A visão concreta actualizando os contrários, para vivê-los e superá-los, é superior às fôrças de muitos, que entre os extremos não aspiram aos extremos para vencê-los, mas desejam o meio

têrmo que lhes dê a passividade pastoril das longas e mansas planícies, levemente perturbada em sua tranqüilidade por alguma brisa suave e temerosa de vergar demais as hastes finas dos arbustos que mal emergem à flor da terra.

Amar êste mundo, salvá-lo para salvar-se, êste será o lema dêsse homem que há de vir: o novo Prometeu libertado.

*

"O Homem que Nasceu Póstumo" surgiu de uma série de pedidos que recebemos para apresentarmos a obra nietzscheana, juntando os aspectos contraditórios dos seus temas, e fixando as "predominantes", afim de permitir uma melhor inteligência. Desde logo se vê que seria impossível abordar todos os temas. Por isso escolhemos alguns, precisamente aquêles que têm oferecido maior

problemática e mais polêmicas. No futuro, se tivermos a apoiar-nos a boa vontade do leitor, continuaremos nossa obra já iniciada em "O homem que foi um campo de batalha", que publicamos como prólogo da tradução de "Vontade de Potência", editada pela Livraria do Globo.

Quanto àquela tradução, fundamo-nos na obra publicada por Elisabeth Foerster Nietzsche. Esperamos, no futuro, poder dar uma tradução do texto aumentado pelo "Nietzsches-Archiv", mas acrescentado de novas notas esclarecedoras.

Aproveitamos aqui o momento para agradecer à crítica brasileira e à estrangeira que recebeu com aplausos o nosso trabalho. Apenas desejaríamos fazer uma simples anotação a alguns críticos que julgaram demasiado o número de nossas notas. Entretanto, se estivessem êles

ao par das inúmeras cartas que recebemos, das inúmeras perguntas que nos foram dirigidas, saberiam que aquelas notas eram ainda parcas, porque muitos aspectos da obra não são de fácil compreensão. Numa edição completa dêsse livro, teremos oportunidade de acrescentar ainda mais notas que corresponderão às dúvidas surgidas, e que nos foram endereçadas.

Nêste livro, "O Homem que Nasceu Póstumo", usamos uma técnica diferente. Levando em parte o terreno da ficção, fizemos Nietzsche falar sôbre sua filosofia. Aproveitamos as suas idéias, muitas das suas frases para tornar inteligíveis aquêles temas mais difíceis. Basta que se leia a interpretação que se fêz de sua obra, e até por grandes nomes do pensamento universal, para que se compreenda que, ao procedermos

como o fizemos, nos colocamos na maneira mais acessível para a boa compreensão da mesma. Nietzsche nunca usaria o nosso método. Sua obra é fragmentária, e êle gostava de permanecer no fragmentário e entre seus símbolos. Se procuramos tornar seus temas mais claros, mais acessíveis, não se entenda por uma "vulgarização" que ofenderia ao próprio Nietzsche, pois sempre respeitamos a sua dureza, a sua implacabilidade e fidelidade de seu pensamento. Apenas suavizamos essa dureza, tanto quanto nos foi possível, no intuito de permitir que seus temas pudessem ser apresentados coordenadamente, já conciliados através das suas contradições.

Dessa forma, respondemos com antecedência à acusação fácil que nos fariam os que não compreendem que Nietzsche, para ser lido,

exige êsse trabalho de exegese e de ordem, sob pena de sua obra oferecer mais perigos que vantagens.

Desde que se considere que o fragmentário de sua filosofia tinha mais profundas raízes em sua constituição psicológica, compreender-se-á fàcilmente porque o reduzimos a uma ordem, que não é pròpriamente a sua, mas que em nada nega o seu pensamento, nem atenta à fidelidade.

*

Atravessamos um momento crucial de nossa cultura, e estamos às portas de uma das maiores ameaças sôbre a humanidade.

Colocamo-nos entre aquêles que se convenceram que o momento actual de nivelação, de *especulação na baixa,* exige homens da montanha, que lutem por uma elevação humana, por maior dignidade.

E é dirigindo os olhos para a obra do grande solitário do século dezenove, e o anunciador alciônico de uma das maiores possibilidades humanas para o século em que vivemos, que julgamos encontrar os sinais de uma nova aurora que há de luzir, uma aurora cheia de promessas, mas uma aurora também terrível, porque ela anuncia uma imprescriptibilidade: ou seguí-la ou perder-se na planície; ou ultrapassar o homem, ou abismar-se no insetismo que nos ameaça; ou caminhar pelo caminho das exceções super-humanas ou achatarmo-nos na regra de uma sub-humanidade que preferiu recuar, por não ter o brio necessário de forjar, com a sua vontade, o seu próprio destino.

Mário Ferreira dos Santos

O TEMA DA REBELIÃO
DOS ESCRAVOS
E
OUTROS TEMAS

Na noite quente, eu apenas ouvia um leve rumor ao virar as fôlhas do livro.

A luz da lâmpada sôbre a mesa dava contornos irreais aos livros erectos na estante. O sono pesava-me nas pálpebras. Mas a leitura, não a abandonaria só porque meus olhos fechavam cada vez mais demoradamente. O ritmo de minha respiração amaciava-se a pouco e pouco.

Não me lembro quanto li. Lembro-me, — e lembrar-me-ei sempre — do instante em que me senti pronunciando baixinho estas palavras: "Estamos numa época medíocre da vida do homem. Estamos na época do homem bovino. Através de séculos, o homem se algemou à sua

concepção do mundo, criou um certo número de palavras e de idéias que melhor correspondiam à fraqueza dos seus instintos e apetites, e algemou-se na estreiteza dos seus conceitos. O homem bovino domina hoje. Os fracos..."

— Isso mesmo!... Isso mesmo!... — Virei-me estarrecido para a voz grave que vinha do canto da sala. Estava ante um vulto de altura média, cabelos castanhos, claros, soltos. Um bigode farto caía sôbre os lábios. O olhar era fixo, brilhante. A roupa era escura e me deu a impressão de recuo, no tempo. Recebi-o com espanto e sem voz, Êle olhou para mim, e num tom duro acrescentou:

— Você tem razão. Anima-me saber que estamos numa época em que ainda há homens que pensam. Ainda há os que se defendem, que se

afastam do homem bovino, das multidões medíocres.

Essa maldita filosofia dos fracos dominou o mundo, e aí está o início das conseqüências desastrosas: medíocres a dominar medíocres.

Ninguém sabe o que ainda virá. Durante minha vida ninguém me quis ouvir.

E você ainda não havia nascido e eu já elevava a minha voz contra a crescente onda de domínio do homem bovino, que começou com aquela desastrada Revolução Francesa. Convenceram o homem do povo que êle iria dominar.

Os interessados pelo poder, naquela luta, se entredevoraram e o povo ficou no mesmo. Ganhou hipotéticos direitos. São sempre êsses os frutos dessas revoluções, partos da montanha, em que os sacrifícios são maiores que o resultado. Ga-

nham ainda mais: ganham esperanças. E passam depois anos, alimentando-se de esperanças, e, pior, convictos que elas alimentam... — E abanava a cabeça. Eu estava espantado e reagia silenciando. Êle pediu licença e sentou-se à minha frente. Seus traços me eram familiares. Êle prosseguiu: — O homem bovino tem uma psicologia tôda peculiar. Antes de tudo êle é um grande ressentido. Você conhece os meus trabalhos sôbre o ressentimento, sem dúvida... — minha resposta foi uma interrogação muda.

O homem pálido sorriu fechando de leve as pálpebras:

— O homem não conhecia bem a violência do ressentimento. Êste se desenvolveu quando lhe disseram que êle era um postergado e acreditou na injustiça dessa postergação. Há um ressentimento que vem

das noites seculares e é fruto das insatisfações. Se um dia encontrar-me outra vez com você, terei oportunidade de falar sôbre êste tema. Não desejo a destruição do homem bovino, êle é útil até certo ponto, e deve existir, pela simples razão de que é biològicamente necessário que exista. O que sempre me perturbou e me levou a empregar o melhor de minha vida na campanha contra êle, é o facto de que se impôs pelo número, e determinou, como norma, sua maneira de ser, sua psicologia e sua interpretação da vida e do universo. Êsse homem bovino dá um valor exagerado ao conceito que êle faz de "sociedade", dá-lhe uma subsistência. Para êle a sociedade é um ser consciente, vivo, que se agita, desenvolve, cresce.

O homem é simplesmente uma parte integrante, um átomo. Até ju-

rìdicamente há êsse conceito ôntico da sociedade. Êsse conceito anula o indivíduo. Temos isso perfeitamente vivo nos regimes avassalantes, em que o Estado substitui as classes e os indivíduos. Há necessidade de se compreender os conceitos "sociedade" e "humanidade", em seu sentido prático. São palavras que usamos, conceitos nascidos da lei do menor esfôrço, que aliás é a lei que orienta a maioria dos actos humanos.

Criaram uma concepção da sociedade e da humanidade e, agora, não podem fugir dela, não podem conceber doutra maneira, sob pena de ofender a santidade da idéia. Êsse conceito de sociedade é fruto da fraqueza, e os fracos o inventaram para criar uma fôrça. Nem por isso me rebelo contra êles por imporem êsse conceito. Fazem bem. Aliás fazem o que ùnicamente poderiam fazer.

Nunca combati o débil, porque débil; combati a debilidade.

O ressentimento nascido da debilidade para ninguém é tão danoso como para o homem débil. Em outros casos — se se trata de uma natureza forte e rica — é um sentimento *supérfluo,* um sentimento que demonstra quase fôrça e riqueza em quem sabe dominá-lo. Sabe-se com quanta seriedade a minha filosofia imprimiu a luta contra o rancor e o desejo de vingança, perseguindo-os até na doutrina do "livre arbítrio"... Os comentadores de má fé da minha filosofia descrevem diferentemente — e nisso não escondem sua absoluta falta de honestidade intelectual — que a minha doutrina da "transmutação dos valôres" fôsse a simples compreensão dos valôres por contradição. Por exemplo:

a bondade se transmutaria em maldade, em crueldade.

Ora, tal, além de ser uma taxativa manifestação de má-fé, o é também de ignorância, ou ambas ao mesmo tempo. Nunca separei a bondade da maldade, o amor do ódio, a beleza da fealdade, o belo do horrível. Não no sentido de que não se pode compreender o mal sem o bem, o justo sem o injusto, o positivo sem o negativo, a verdade sem a mentira. Eu fui além: não concebia a verdade sem a mentira. A verdade era a verdade-mentira. A mentira, a mentira-verdade. Incluí essas categorias de limitação de nossas perspectivas como inseparáveis. A transmutação de todos os valôres consistia, precisamente, numa nova perspectiva do mundo que incluísse as contradições.

Neguei, assim, o absoluto, o absoluto com que o homem cimentou sua lógica, seu racionalismo afastado da realidade, dessa realidade que é, também, ilusão. Nunca desejei ser um "metafísico", e tudo fiz para libertar-me dêsses absolutos. Nem os comentadores mais honestos, e que melhor perceberam a minha obra, chegaram a entender êste sentido da minha filosofia.

Por que os fracos são hoje vitoriosos? Vejam como eu vi êste problema e que conclusões verdadeiramente dialécticas tirei para benefício dos homens. Em minha análise juntei os fracos e os doentes. Êles são mais compassivos e mais "humanos", sentimentais, apiedam-se com facilidade, com atitudes compassivas, do sofrimento dos outros. Há uma certa satisfação bem humana em ver alguém sofrer as mesmas

dores. La Rochefoucauld já escandalizou o mundo quando "cìnicamente" disse isso. Busca o homem, é natural, pôr sinceridade em suas compaixões, busca ser sincero, o que não impede que sinta uma íntima satisfação pela dor do semelhante. É o que fundamenta o impulso sádico-masoquista, que é constante em todos os sêres humanos, em graus variados, de que a psicologia hodierna já tomou conta, depois de ter-lhe eu tanto aconselhado.

Os fracos e os doentes são mais mutáveis, múltiplos, mais tumultários, e os chamei, ainda, de "divertissants", mas malignos. E afirmei ainda que foram os doentes os que inventram a malignidade (*méchanceté* como escrevi em francês, na "Vontade de Potência"). Os fracos e os doentes, têm a seu favor a "fascinação", são mais "interessantes"; nada

mais interessante que o louco e o santo, parentes do "gênio". Os grandes "aventureiros e criminosos", e até todos os homens, são, também, doentes em certas épocas de sua vida. Todos nós somos *decadentes* durante a metade de nossa existência. A mulher faz uma religião de sua fraqueza, glorifica-a, eleva a humildade, que é uma virtude feminina. A mulher sempre conspirou com os tipos de *decadência*, com os sacerdotes contra os "poderosos", os fortes, os homens. Imprime, depois, à criança êsse sentido de culto da piedade, da compaixão, do amor.

A *mãe* representa o altruísmo duma maneira *convaincante*....

Defini o artista como uma espécie intermediária, separada da criminalidade em acção, pela fraqueza de vontade e o receio social, o qual não é ainda madura para uma casa

de alienados, mas estende com curiosidade suas antenas nas duas esferas.

Êle fêz uma pausa. Seu olhar duro perdia-se como se buscasse muito longe o que desejava. Prosseguiu depois:

— Fui mal compreendido. Não pense que desejo justificar-me. Um homem como eu dispensa justificações. Mas êsse tema dos fracos é hoje mais actual do que nunca. Quero retornar às minhas palavras anteriores: Para o homem de rebanho, a "sociedade" assume a mais alta avaliação. A êsse ideal, a êsse tipo de homem, deu um valor cósmico, até metafísico.

A "sociedade" passa a ser um "destino" do homem que tende para ela, como uma finalidade que não pode nem deve tentar desviar. Ir contra o rebanho provoca tôda uma

série de neuroses, de estados delirantes, que transformam o homem num renegado.

Contra êsse sentido "religioso" da "sociedade" que o homem de rebanho aceita, vive e alimenta, eu contrapus o "aristocratismo". O aristocratismo não significa a destruição da sociedade. É que a sociedade, para mim, não é nem deve artificialmente ser apenas o rebanho. Para seu próprio equilíbrio, para que êsse mesmo rebanho possa atravessar o tempo e realizar-se, não como um imperativo categórico moral ou social, e sim como uma necessidade intrínseca dos elementos componentes, é mister que haja certos indivíduos excepcionais, cujo alimento é a solidão, para evitar, em suma, que o rebanho se desagregue numa massa amorfa ou se torne prêsa da exploração tantas vêzes perigosa dos

pastores. As exceções devem permanecer dentro do rebanho, em luta, em oposição, em choque, para o equilíbrio total, equilíbrio vital, como chamo, que é equilíbrio que procede da luta, que é síntese, e não o equilíbrio-pôdre das fôrças estáticas, acomodadas, entrosadas na passividade de tôdas as aspirações pastoris. Compreendi que para atingir a "sociedade" o equilíbrio-vital, o equilíbrio das fôrças em movimento, era necessário, ao lado do ideal do homem de rebanho, o aristocratismo das exceções, não só para servirem de ideal aos que permanecem em baixo, como para permitir que o rebanho societário-animal atingisse um grau mais elevado. Exterminando os contrastes entre os homens, estimulantes e impulsionadores, suprime-se o amor forte, o

sentimento elevado, a noção do próprio valor.

Há necessidade do desejo de responsabilidade, o que o homem de rebanho não quer. Êste busca, diminuindo a sua liberdade, ou limitando-a na dos outros, reduzir a responsabilidade e obter a segurança. Êsse aspecto é profundamente psicológico e muitas neuroses nascem dêsse sentimento de inferioridade e insegurança que gera a inquietação, a angústia, os desvios, recursos para fugir à luta contra o meio agressivo. Êsses tipos humanos existem, e são a maioria. Mas na própria "sociedade" há os que desejam aumentar para si a insegurança e a responsabilidade. Oprimi-los, por serem minoria, é uma solução de ordem política, anti-social e anti-psicológica. Êsses homens são necessários à própria sociedade, porque são êles

os heróicos, os que buscam além de si mesmos, os que arrastam os homens à melhor conquista de si mesmos e do mundo, adaptando-os melhor e oferecendo, através dos seus esforços, dos seus trabalhos, dos seus sacrifícios, o bem-estar das multidões de rebanho.

Enfim, é preciso que se diga mais uma vez: todo o progresso da espécie exige a exceção. Fui além em minha análise: o princípio da liberdade e da igualdade diminui, e, conseqüentemente, a vontade de ser *responsável*, o que é um indício de que a autonomia diminui; o carácter de luta, de polêmica, reduz-se; reduz-se a fôrça de mandar, e a faculdade de se calar, a *grande paixão*, a grande missão, a tragédia, a serenidade. O homem de rebanho estiola-se, quebra-se ante a disciplina que fortifica as naturezas fortes, vigoro-

sas e que as arrasta aos grandes empreendimentos.

São assim a dúvida, a grandeza do coração, a experiência, a independência. Essas disciplinas destroem os fracos e são necessários os fortes para empreenderem êsses esforços.

Uma forma desprezível e absurda do idealismo é querer que a mediocridade não seja medíocre, e que, ao invés de ver um triunfo no facto de ser excepcional, indigna-se da covardia, da falsidade, da pequenez e do aspecto miserável.

Tornar os fracos, como totalidade, fortes, é uma utopia e uma indignidade. A fôrça mata muitas vêzes a fraqueza. É necessário que os homens, quando buscam nivelar por baixo, para a conquista do equilíbrio, ou buscam nivelar por cima, para obter êsse mesmo equilíbrio,

Em ECCE HOMO eu disse: "a última coisa que eu proporia seria *melhorar* os homens..."

Muitos concluíram que eu desejaria perpetuar, na sociedade, o homem com seus defeitos, negando, assim, a evolução, que eu mesmo preguei.

O meu conceito é, no entanto, outro: o sentido de melhorar é o sentido bovino do homem bom. "Melhorar" os homens, para mim, é torná-los mansos (civilização é uma espécie de amansamento, de doma). No entanto o conceito de melhorar não encerra essa limitação tão simples, nem para mim. Queria, eu, com essas palavras, afirmar que não iria propor fórmulas que assegurassem a transformação do homem, como totalidade.

As soluções humanas não devem ser totais. Hoje, inegàvelmente, par-

timos para uma concepção total da sociedade humana. Já houve tempos em que as pequenas coletividades conheciam sua autonomia. Houve pequenos estados soberanos.

A consciência universal é totalizante, e eu queria a integração do homem no cosmos, a concepção do homem como objectividade e subjectividade, como sangue e espírito, como terra e como céu. A trindade ctônica, Mãe-Terra-Morte, unia-se à trindade Pai-Sol-Vida, digamos. Eu combati as polarizações. O homem é total quando cósmico, quando subjectivo e objectivo. Meu conceito de igualização é a negação da igualdade fundamental. Buscar leis gerais é oprimir a desigualdade e permitir que ela continue. A desigualdade como fundamento é criadora. Não como polarização, não como algema. Que haja elementos desiguais na so-

ciedade, concordo. A cada um deve ser dado de acôrdo com suas necessidades mais naturais, próprias. Leis gerais criam insatisfações. A totalização das soluções humanas por regras gerais geraria insatisfações novas.

O conteúdo universal é aceitável, mas a forma deve ser singular. Atingimos o universal pelo singular. Partimos dêste, afirmando êste, para sermos universais. Assim quando falei de melhorar os homens não seria no sentido de universalizar uma forma de melhoria.

Quando preguei um mundo de fortes, uma espécie humana mais forte, sabia que essa fôrça representaria graus que diferenciariam.

Tal não justificava o abuso dos mais fortes sôbre os mais fracos, mas a necessidade de fazer desapa-

recer êsses mais fracos, para impedir o abuso.

Uma das características de nossa época é precisamente pensarmos, desejarmos e lutarmos por um melhoramento da humanidade. Julgamos possível conquistar um plano superior como totalidade, para todos. Ora isso é um preconceito ainda do século dezoito que herdamos e aceitamos como um postulado quase indiscutível. Precisamente resolvi discutir êsse tema. Atingir a uma espécie mais forte de homens, apesar dos mais fracos, não seria uma afronta a êstes. Existindo diferenciações, existiriam emulações. É preciso que se ofereçam essas diferenciações para que haja o desejo de atingi-las.

O homem de rebanho é compreensível e o aceito quando o rebanho não constrói uma ditadura e impri-

me o seu estilo a todos. O homem-massa, no sentido bovino, de aceitação do todo em detrimento do indivíduo, eu sempre combati. Criar as exceções, permitir que elas vivam, aceitar seus direitos é criar, entre os homens, o degrau superior que os outros, os que estejam em baixo possam almejar. Se partimos para uma superação do homem não pensemos que essa superação será atingível por todos. Se não há possibilidade de se atingir um nível superior universal, façamo-lo particular. Criaremos, daí, a possibilidade de que outros o possam atingir, auxiliando os que estejam em baixo para que se ergam. O ponto de partida deve ser nivelado. Que todos conquistem sua segurança, sua possibilidade de viver normalmente, sem mais sofrer as angústias modernas, é uma nivelação de partida.

Mas estabelecer daí um ponto de chegada, não aceitei. Não poder alguém seguir adiante, enquanto *todos* não tenham chegado à meta, não é êsse o verdadeiro sentido da evolução, porque é antinatural. Seria oprimir o que atingiu a meta a sofrer a angústia da espera dos que se retardaram.

Criar uma espécie humana mais forte é um sentido. Que haja os mais fracos, como os haverá fisiològicamente talvez sempre, não é determinar que os fortes se enfraqueçam. Assim seria nivelar pela fraqueza o homem para sermos justos. Ora, isso é uma concepção medíocre de justiça.

Nivelar é, por isso, um absurdo. Criar, no entanto, possibilidades iguais é justiça. Aceitei a possibilidade de se criar condições humanas capazes de permitir a formação de

uma espécie humana mais forte. Hoje a ciência o afirma também. Devemos parar, simplesmente, porque alguns levarão mais tempo que outros? Não! Criemos essa espécie mais forte. E levemos os fracos até ela. Devemos criar condições sociais que impeçam os abusos dos que possam aproveitar-se de sua fôrça para exercer sôbre os que estão em baixo sua ditadura. A minha psicologia chocava-se obstinadamente com o espírito do século dezenove e do século dezoito.

Há obstinações na minha obra que são compreensíveis como reação ao sentido da nivelação por baixo que pregavam alguns socialistas. Eu me rebelei contra êsse sentido de nivelação. Contrapus os direitos dos fortes. Eu dizia: Quer-se "instrumentos" (homens educados pelo sistema educacional então vigente) que

possam servir à sociedade. Admitindo que a *riqueza de fôrça seja maior*, poder-se-ia imaginar uma dedução dessa riqueza, cujo fim não visaria a utilidade da sociedade, mas uma utilidade para o futuro. O amolecimento do homem de minha época me levou a crer na possibilidade de uma espécie mais forte, uma espécie que aceitasse a vontade, a responsabilidade, a faculdade de fixar um destino para si própria.

É necessário, para a compreensão de minha filosofia, que se observe o aspecto do século dezenove em que vivi. O "amolecimento" dos homens crescia a passos agigantados. O romantismo começava a dar as suas grandes colheitas na Europa; o pessimismo schopenhauriano encontrara na derrota da França um renascimento, que se alastrava pelos países que eram dominados pela litera-

tura francesa. Havia um certo cansaço na Europa. Nessa época a revolução social nascia, prosperava, mas ajustada aos preconceitos basilares de oitocentos.

A linguagem dos revolucionários era tôda feita dos mesmos lugares comuns rousseaunianos. Vi nisso tudo decadência, lamúria, jeremiada intolerável. E estava certo. O fim de século processava-se em tôda a intensidade de suas dúvidas. A ciência substituia as tendências de carácter religioso. Um positivismo primitivo e a dúvida eram a vacilação entre a religião e a ciência. Não expressavam tão bem êsse aspecto trágico do fim de século a poesia, os "assassinos de Deus", os "poetas malditos", a expressão cruel baudelaireana que dominava nas arremetidas dos artistas, nihilistas decadentes, que se chamavam a si mes-

mos decadentes, que se orgulhavam de emprestar a si mesmos qualidades inferiores que não tinham, atribuindo-se infâmias não praticadas, nódoas de alma, como o tripudiar masoquistamente sôbre a sua derrota subjectiva, uma autopunição de onde fruiam com intensidade prazeres insuspeitados?

Êsse aspecto do fim de século me amargurava. Clamei pela necessidade dos fortes. Preguei pelos fortes. Desejei uma nova aristocratização de homens que soubessem sofrer sem conformismo além do próprio sofrimento, homens que não desejassem sua destruição subjectiva, seu esmagamento dentro das massas rebeladas, mas que ambicionassem erguer-se de tôdas as trevas da idade média, porque, então, ainda estávamos nela apesar dos historiadores. O sentido da idade média ainda

perdurava. Baeumler tem razão quando diz que ela terminou comigo, perdôe a minha chamada megalomania. Nisso eu estava certo. A luta entre a luz e as trevas do fim do século passado foi bem o fim de uma era humana. O homem partia para a sua superação — meu ideal como vontade de potência — mas o homem estava sendo superado já. Eu não via essa superação. Por isso doía-me, redoía-me na angústia de ser espectador de uma decadência. Volvi os olhos desesperados para uma idade de ouro esquecida, desprezada. Ia para antes de Sócrates, para longe, na análise da filosofia grega das escolas jônicas e dos eleatas.

Busquei a luz meridiana do dionisíaco e do apolíneo para iluminar tôda a tristeza da Europa. Obstinei-me. Meus olhos ensombreavam-se,

por isso clamei delirantemente por sol. Propus substituir a tristeza, que amolecia num desejo búdico de nihilismo, por aquêle excedente de vinho da vida que permitisse a satisfação dionisíaca da embriaguez. A minha crítica deve, por isso, ser colocada dentro da história. Busquei iluminar as trevas, vará-las com firmeza, com robustez. Meu hino ao homem forte era o grito de mais, de muito mais, contra o amolecimento contra o nirvana que envenenava o organismo da Europa. E diagnostiquei: a Alemanha venceu a França, como Esparta venceu Atenas, mas a cultura francesa continua em pé. A luz mediterrânea não poderia ser obscurecida pelas névoas que vinham do norte.

Gritei desesperadamente, e propus a minha terapêutica heróica. — É preciso crer no super-homem. O

homem deve ultrapassar a si mesmo. O homem deve vencer sua derrota, erguer-se de sua derrota. Aquilo era uma luz para a Europa desesperada. O pangermanismo ameaçava destruir a cultura. Por onde passa a Alemanha é destruída a cultura... Êsse foi o meu brado.

Êle baixou o rosto para erguê-lo em seguida. Seus olhos tinham um brilho metálico, e sua voz era agora pausada, tranqüila. E prosseguiu:

— E ante a tendência do "nivelamento" senti que não havia fôrças para impedi-lo. Era um movimento que se enraizava fortemente.

Por isso propus que se não lutasse contra êle. Dizia então: "O *nivellement* do homem europeu é o grande *processus* que não se poderá entravar: devemos ainda acelerá-lo. Por isso se impõe a necessidade *d'ouvrir un grouffre*, de aprofundar as *dis-*

tances, de estabelecer uma *hiérarchie*: e não a necessidade de atrasar êsse processo de nivelamento."

O nivelamento do homem, sabia-o, apressaria a abertura de abismos entre os homens. Essa espécie *nivellé* buscaria uma *justification* (sempre gostei de usar palavras francesas), justificação que seria uma espécie superior. Os ideais, então em voga no século dezenove, pregavam uma nivelação absoluta. Havia a crença de que era possível tornarem-se os homens iguais, absolutamente iguais. Uma educação estandartizada, alimentos estandartizados tornariam os homens absolutamente iguais.

Lutei contra êsse perigo. Hoje sabemos que êsse "ideal" malogrou ante os fatos. Êle "temia" ainda o perigo que ameaçava as exeções. Rebelei-me por isso na busca de uma nova hierarquização. O homem

bovino não poderia ter uma concepção não bovina como, por exemplo, heróica dos seus semelhantes.

Necessita do apoio, do rebanho, para seu fortalecimento, para seu aumento de poder. Sua concepção é uma concepção necessária. E êle tem razão. Discordo dêle, mas êle tem razão. Dentro de suas circunstâncias, de sua constituição humana, dentro de sua psicologia e de sua alma, êle tem razão ao conceber a sociedade como um todo prepotente e forte e como um fim, embora eu a veja como um meio, simplesmente como um meio, como uma ponte, como um caminho, para o maior que há de vir. Não separo o homem do cosmos nem das imprescritíveis leis biológicas e elas não têm êsse sentido social que o homem bovino acredita. Por isso êste é um torturado contra a sua natureza e

os seus impulsos, porque êle luta contra si próprio em benefício da sociedade, não fazendo dêsse modo a felicidade de ninguém, nem de si mesmo.

Aí calou-se. Com a ponta dos dedos cofiou o vasto bigode que dava a impressão de um cilindro seccionado que lhe cobrisse os lábios. Pendeu para a frente e prosseguiu:

— O sentido político tem dominado o sentido biológico do homem na sociedade. E o que me irrita e me revolta é a ditadura dêsses conceitos e opiniões. Êsse conceito universal da sociedade, conceito ecumênico, pode ser combatido pelo ideal do aristocratismo. O nivelamento é o ideal do homem bovino. Êle envenena-se, intoxica-se ao pensar que êsse nivelamento possa construir a sua felicidade. Recebeu essa mentira que outros irresponsáveis lhe

pregaram, e acreditou nela, e fêz dela a base de sua felicidade. A diferenciação é o ideal do homem *aristocratizado*.

Eu defendo a necessidade da exceção. Prefiro a exceção à regra, mas aceito e defendo a regra para valorizar a exceção. Sou, portanto um homem aparentemente unilateral, mas, na verdade, sou o menos unilateral dos homens, porque vejo o homem e os seus actos sob todos os aspectos pois os aceito, e justifico até o êrro porque necessário para valorizar o que presumimos por certo e absoluto. Sou tràgicamente dialéctico.

E exceção para mim é o que reage à regra. O homem progride quando reage, quando cria exceções, pois elas são criadoras. O homem avança por caminhos discontínuos, enquanto os homens bovinos acreditam nas

grandes avenidas, nas perspectivas retas nas estradas macadamizadas e odeiam as serras, os abismos e os trechos esburacados, as subidas e os declives. A continuidade do progresso e da vida humana negaria as aventuras, os empecilhos, as dificuldades e as vitórias. Negaria, em suma, o próprio destino. E o homem tem encontrado os seus melhores momentos nesses instantes em que vence dificuldades. É preciso ter o verdadeiro sentido da vitória para desejá-las difíceis. A vitória é um ultrapassamento, um salto.

Se o homem bovino chegasse a dominar com a sua mentalidade o mundo, o que temo e desde já combato, chegaríamos ao domínio de uma filosofia "standard", de uma música "standard", de uma arte "standard". Até o gôsto se estandartizaria. Criar-se-iam limites, mas ês-

ses limites acabariam por gerar ânsias de ultrapassamento.

A vitória do homem bovino seria, tão-sòmente, uma provocação. As exceções nasceriam apesar da educação bovina que já vem desde o lar.

As insatisfações humanas são mais fortes e os instintos não se amordaçam com atitudes. O homem voltaria a lutar, haveria sempre as exceções, homens da noite, homens do destino, que quereriam interrogar as estrêlas, procurar nos azuis profundos dos céus, nos horizontes perdidos, algo mais, um algo mais... Sempre mais.

Não quero, repito, a destruição do homem bovino. Não quero também a sua predominância. Apelo para as almas aristocratizadas para reagir contra as algemas que êles querem forjar para os homens. A totaliza-

ção do homem necessita de limites. Ela é uma criadora de limites.

"Proibido!", eis a ordem mais geral da sociedade bovina. E isso cria uma psicologia de retrações, de limitações, de má consciência. Êles combatem os direitos individuais para a igualização do homem, para a dominação do homem médio, da média maior. Numa sociedade aristocratizada há necessidade da variedade de gostos, de oposições, de choques psicológicos, de fins diversos. O homem bovino acredita na defesa dos seus direitos, desde que haja um só direito, e um só fim. Mas defendendo o direito igualizado, êle anula seu próprio direito, porque cria, com seu Estado *non-plus-ultra*, o seu novo algoz que possui todos os direitos. Fazem falta os contrastes, os níveis diferentes para que os homens se agitem, sublimem seus

instintos, conheçam a satisfação das vitórias.

Onde haveria um amor forte numa sociedade bovina? Onde a concepção do sentimento elevado, a noção do valor individual? A vontade de ser responsável é um sinal de autonomia. O que o homem bovino quer é diminuir as suas responsabilidades.

A totalização cria uma bitola. Basta viver dentro dela tudo corre bem. Há sacrifícios a fazer dentro dela e desde que não se fuja daí, os perigos diminuem. Concordar sempre com o que vem de cima, eis a norma. Não haverá mais agressivos intelectuais, homens que queiram determinar pensamentos diferentes. O estoicismo será chamado de atitude nirvânica; a serenidade passa a ser passividade; o sentido do trágico, concepção de derrota melodramáti-

ca. A disciplina, que torna os fortes mais fortes, destruirá o homem bovino, porque o tornará mais limitado, fazendo-o recuar dos níveis altos de si mesmo.

Até para obedecer há necessidade de uma certa grandeza, e a obediência de um forte tem alguma coisa de belo. O fraco quando obedece dá o aspecto de um destino imprescritível e assume as proporções de autômato. Só lhe resta obedecer. Desmoraliza até a obediência. Quando manda, toma a impressão de um mandato, de uma fatalidade. Avilta-se até em sua grandeza. Não creio na possibilidade de uma sociedade aristocratizada para êsses decênios próximos.

Mas creio para idades futuras, uma sociedade de homens que saibam sentir a angústia da dúvida, que o bom coração seja construtivo

e não destrutivo. O homem bovino criou um novo idealismo: a mediocridade não é medíocre. Não aceita a desvalorização do desvalor. Êsse homem não vê nenhum triunfo no facto de se ser excepcional. O medíocre é o fim, a base, a norma, mas o homem precisa, proclamo, precisa continuar conservando as distâncias... Quão incompreendido fui na minha concepção dos fracos!

Mas, na verdade, nunca fiz questão de que ninguém me compreendesse. Foi sempre esta a minha atitude, o meu consôlo, o meu prazer, maligno desejo de torturar aquêles que me liam. Quando combati os fracos, eu não queria que os fracos prosseguissem sendo fracos. Eu combati a fraqueza. É verdade que duvidei e nunca acreditei na utopia de uma humanidade forte. Eu acreditava e acredito no super-homem.

Para mim o super-homem é uma conquista individual e não uma conquista de massas. Sempre frisei isto muito bem. O homem só atingiria a super-humanidade através de si mesmo, cada um através de si mesmo. Era preciso amar muito êsse homem superado, e desprezar êsse homem vencido e derrotado para que os homens pudessem compreender a grandeza de uma exceção.

Sempre julguei que o valor de um povo se medisse pela sua capacidade em criar homens excepcionais. Vivi muito junto do "Haustier", dêsse domesticado animal de rebanho que foi o alemão meu contemporâneo, para duvidar da super-humanidade dos alemães.

Quando falei na destruição dos fracos não pregava a destruição de homens, mas a destruição da fraqueza. Que oferecia eu aos ho-

mens senão uma atitude heróica ante a vida, senão uma vitória, êsse grande medicamento da alma? Indiquei aos fracos um caminho a seguir, mas preguei aos obstinados que desejavam permanecer fiéis à morte, que buscassem a morte. A êsses obstinados em não querer ouvir as vozes alciônicas, em não querer compreender e sentir a beleza da vida, que ansiavam por sua "donzela pálida, marmórea e fria", que desejavam o himeneu da morte, que buscassem, enfim, a morte. Não deveriamos impedir o seu caminho.

Devíamos até estimular aos sugestionados pela morte que a seguissem de uma vez. Êsse sentido imoral da minha obra escandalizou os obstinados, mas a culpa do escândalo não me cabe. Cabe à obstinação dos que desejam perpetuar e construir na vida um vale de lágrimas e trans-

formar sua existência numa contínua preparação para a morte. A imoralidade está ante a natureza, não em mim.

Eu, o imoralista, preguei outra espécie de moral, moral cheia de sol, cheia de vida. Minhas experiências de enfêrmo aguçaram a minha inteligência, minha arte do filigrana, meu sentido extraordinário da compreensão, meu instinto dos matizes e tôdas as sutilezas dos meus órgãos de observação, aguçados em meus longos anos de enfermidade e de cura, me permitiram observar concepções e valôres *mais sãos*, colocando-me dentro de meu ponto de vista de enfêrmo, e, inversamente, consciente da plenitude e do sentimento de si que possui a vida mais abundante, pude baixar serenamente o olhar para o laboratório secreto dos instintos de decadência.

Assim me analisei. Sempre compreendi que a doença é mais instrutiva que a saúde. Ela permite avançar, modificar, transformar. Quanto deverão os homens às suas doenças? Não são nesses instantes em que pairamos entre a vida e a morte, entre o avanço e o recuo, que brota em nós uma fixidez de águias? Não é a doença, tantas vêzes, o nosso verdadeiro mestre, na vida? Não são êsses instantes em que nos chocamos ante o perigo que modelam a nossa personalidade? Quanto devem a história do homem, a biologia, a evolução, a ciência, a filosofia à doença?

Quem sabe, talvez um dia, alguém exclame, com a ciência nas mãos, que a doença tem sido não só mais instrutiva que a saúde, como mais fecundante...

A verdade não estaria na agonia? Na agonia da verdade e da mentira,

ali naquele limite, naquela fronteira do ser e do não-ser?

Eu falei numa nova rebelião dos escravos. Assim como classifiquei o cristianismo como a grande rebelião dos escravos na moral antiga, e, na realidade, foi êste um dos aspectos mais populares do movimento cristão, denunciei na minha vida a nova rebelião dos escravos na moral, na política e na economia.

Aos olhos dos que me interpretaram mal, esta rebelião foi olhada como uma decadência, como um retrocesso. A expressão "rebelião de escravos" foi que chocou os críticos. Era demasiadamente pejorativa para definir o movimento moderno de transmutações sociais.

Para uns, eu assumia o porte de um reacionário impenitente, para outros de um nihilista indomável, num desejo sádico de destruir tudo

quanto o homem houvera até então santificado, amado, respeitado. Se há escravos que lambem a mão que os castiga, isto não implica que uma nova rebelião de escravos seja simplesmente um "acto indigno de homens que lambem a mão que os castiga..."

Precisamente pelo facto de os escravos se rebelarem já atingem outra grandeza. Eu mesmo disse que o escravo só é grande quando se rebela. A nova rebelião dos escravos tem sua grandiosidade; não possui porém, tanta grandiosidade, tanta sublimidade como pensam os seus adeptos. A fatalidade histórica desta nova rebelião de escravos é uma justificativa histórica, é mais uma fatalidade da qual o homem ainda não se libertou: a de ser disciplinado, condicionado pelos factôres que o cercam, e não haver, ainda, conse-

guido superar a si mesmo num plano que lhe permita colocar-se *além* dêsse condicionalismo. Mas tal não inclui beleza, nem sublimidade, a não ser que se aceite aprioristicamente que a beleza esteja precisamente na fatalidade histórica dos acontecimentos, o que seria supino pragmatismo, ou melhor: uma degenerescência do próprio pragmatismo.

A submissão aos factos constitui a ciência dos escravos, dizia eu. A insubmissão aos factos constitui a política ativa dos escravos que buscam romper as algemas. Eu fixei o predomínio dos sentimentos de escravos na Europa novecentista. Mas aquêles sentimentos prepararam a rebelião.

Nesta luta de libertação havia, porém, um carácter que me preocupava; os escravos não buscavam pos-

suir qualidades de senhor. Uma das características do movimento cristão foi a de assumirem os escravos libertados o porte e as qualidades nobres dos seus senhores. E se não fôra assim, a idade média que tombou sôbre a Europa teria sido terrível. A nobreza que se formou na Europa conservou as qualidades nobres dos romanos.

Esta nobreza impediu que a Europa caísse em maior grosseria. No meu tempo, porém, o grosseiro já dominava as massas rebeladas. Focalizava eu êstes característicos: mendacidade moral, incompreensão da cultura, da beleza.

A moda, a imprensa, o sufrágio universal, assumiam aspectos de grosseria. Os direitos adquiridos perdiam suas qualidades nobres e o homem brutalizava-se numa vulgarização das qualidades superiores

e tôdas as qualidades superiores se tornavam suspeitas.

Apresentava eu até o exemplo de Lutero rebelando-se contra os "sancti". E exemplificava mais: as pessoas ingênuas já não crêem mais nos santos nem nas grandes virtudes; já não crêem nas qualidades superiores dos homens, os manufatureiros da ciência; já não crêem mais nos filósofos, e as mulheres já não crêem na superioridade dos homens. Isto tudo predispõe a insurreição. Melhor, são sintomas da insurreição.

Ninguém impedirá a marcha avassalante dêsse espírito nihilista que se apossa dos homens. Êles acreditam na sua fôrça e experimentá-la-ão até verificarem a sua fraqueza, porque o homem, agora, mais do que nunca, é o homem bovino. Êle depende mais do que nunca dos seus semelhantes e o seu espírito gregá-

rio, embora decresça nas suas relações, aumenta no entanto na hora do perigo.

O homem é cada vez mais dependente do próprio homem. E isso criará amarguras mais profundas e mais dolorosas. As experiências da vida, das lutas que experimentarão, dar-lhes-ão êsses momentos terríveis em que êles recordarão todos os sonhos que sonharam.

Aí o homem voltará novamente os olhos para o passado em busca de alguma coisa que lhe houvesse indicado um caminho melhor ou lhe houvesse alumiado uma meta nova. Encontrarão, depois de suas duras experiências, de suas derrotas, de seus desencantos, que o homem só pode erguer-se pelo seu ultra-pensamento, por sua superação individual.

Para mim o nihilismo é uma con-

dição das épocas de transição humana. Mas, na minha época, antevi os choques de que o nosso século ia ser teatro, e eu já estudava um dos sinais mais gerais dessa época: o homem perdia aos seus próprios olhos, desmedidamente, a sua dignidade.

Êsse sentido da dignidade era aquêle espírito trágico da existência, em que o homem era muitas vêzes o obscuro herói em luta contra as fôrças que o prendiam à terra e aos seus instintos, ao seu inconsciente, expresso nos seus desejos e nos seus impulsos para a conquista do prêmio prometido na outra vida que o encheria de satisfações. E nisso tudo fui mal compreendido, mas que importa!

Embriagou-me alguma vez o aplauso de meus semelhantes?

Embriagar-me-ia sim o aplauso de meus iguais. Mas onde estavam os

meus iguais? Os outros... os outros... que me importavam os outros?

Eu sempre desprezei as más companhias, e más companhias, para mim, são sempre aquelas que não são formadas de nossos iguais. Apavorava-me a "profunda esterilidade" do século XIX. Nunca encontrei um homem que tivesse trazido realmente alguma coisa de novo.

O carácter da música alemã foi o que me fêz "esperar" por um tempo maior. Um "tipo mais forte", em que nossas fôrças estivessem ligadas sintèticamente: essa foi a minha crença.

Aparentemente tudo era decadência. Era preciso orientar a destruição de tal forma que fôsse possível, aos mais fortes uma nova forma de existência. A rebelião dos escravos se processava dentro de uma escala

de valôres mercantis, e as massas eram insufladas para a conquista do poder sem um preparo à altura dessa missão.

Que poderia surgir disso tudo senão novas ditaduras, terríveis ditaduras em que as próprias massas seriam as mais sacrificadas?

A história diz e dirá se eu tinha ou não razão.

Eu acreditei nos fortes, e até os defini. Quem são êles: os mais moderados, os que não têm *necessidade* de dogmas extremos. Mas o homem de rebanho tem necessidade de dogmas extremos.

Os que não sòmente admitem, mas amam também uma boa parte de acaso, de "contra-senso". Os que não podem pensar no homem, reduzindo consideràvelmente seu valor, sem que se sintam, por isso, diminuídos ou enfraquecidos.

Os mais ricos em relação à saúde, aquêles que estão à altura da maior desgraça e que, por isso mesmo, não temem a desgraça; homens que estão convictos do seu poder e que, com uma altivez consciente, representam a fôrça à qual o homem atingiu.

Eu acreditei no homem que vencia, no heróico vencedor da vida. Exclamei e exclamo:

"Nós queremos criar um ser", queremos tomar parte, todos, nessa criação, queremos amá-lo, queremos incubá-lo e honrar-nos e estimar-nos por causa dêle. É necessário que tenhamos um fim pelo qual nos amemos todos uns aos outros. "Todos"; os outros fins são dignos de ser destruídos. Foi êsse o pensamento de Zaratustra. Êle queria os mais fortes de corpo e de alma, porque são os melhores. Dêles é que Zaratustra

queria deduzir a moral superior, a dos criadores; êle queria refazer o homem à sua imagem, era esta a sua lealdade.

Em qualquer época, num tempo mais forte que o actual, será mister venha êste homem redentor do grande amor e do grande desprêzo, êste espírito criador, cuja energia impulsiva fará ir, muito além de todo o sobrenatural, o homem cuja solidão será desprezada por muitos como se fôsse uma fuga: êste homem se aprofundará, se abismará, se enterrará na realidade, para ressuscitar um dia e redimi-la da maldição que o ideal de hoje fêz pesar sôbre ela.

Êsse homem do futuro, que nos libertará do ideal de hoje e de sua natural conseqüência, o grande enjôo, o nihilismo — êste sol do Meio-Dia e do grande juízo, êste salvador da vontade, que devolverá ao mun-

do seu objectivo e a sua esperança; êste antinihilista, êste vencedor do nada, é mister que venha um dia...

Êste homem libertado da compaixão, mas que ressuscitará aquêle sentimento de rebeldia que a desgraça do próximo inspirava aos gregos. Foi esquecido, abafado, silenciado pelos cristão, êsse irmão mais viril da compaixão... Nem sequer existe mais um nome para êle.

Mas há de ressuscitar no homem quando compreender e puder superar-se. Então êle encherá o vazio de sua alma.

Como encher o vazio de nossas almas? Pela embriaguez do entusiasmo. E tudo, e em tudo, o homem deve buscar motivos da embriaguez. Temos a sensação de uma imensa amplitude de nossa alma, e essa amplidão é, também, a causa de nosso vazio. Por isso esta época tem sido

a mais fecunda na invenção de meios de embriaguez.

Todos conhecemos a embriaguez, quer em forma de música, quer como cega adoração a alguns homens e acontecimentos; conhecemos a embriaguez do trágico, a crueldade na contemplação do que sucumbe, sobretudo quando o que sucumbe é o mais nobre; conhecemos outras classes mais modestas de embriaguez, como o trabalho mecânico, o sacrifício pela ciência ou por uma idéia política ou econômica; qualquer pequeno fanatismo, por estúpido que seja.

Há também uma certa modéstia excêntrica, que nos faz sentir agradàvelmente o próprio sentimento do vazio: e até um gôzo no eterno vazio de tôdas as coisas, um misticismo da crença em o nada e um sacrifício por esta crença. E que senti-

dos não temos criados para todos os gozos do conhecimento! Como registamos e, por dizê-lo assim, levamos um livro maior de nossos pequenos gozos, como se, em suma, contrapesasse aquêle vazio, enchesse aquêle vazio!

Como nos enganamos com êste pequeno ardil. Não encontrei nenhum homem bem dotado que não me tenha dito que perdeu o sentimento do dever, ou que não o possuiu nunca.

Mas a sabedoria será a superação da moral. Será essa superação quando assistirmos ao ascetismo do espírito, quando o épico que entrou na alma do homem surja, outra vez, já libertado das suas grandes falsificações.

O homem, aí, superará as suas más tendências, aquelas que o afastam da vida e do Cosmos e o arrastam à maldição de sua existência.

Só a sabedoria adocicará a amargura de viver que os ressentidos transformaram em filosofia e atitude. O amor construirá então os grandes corações. E superará até as boas tendências...

Nada do homem permanece que não se baseie nos próprios instintos. A minha crítica da moral fundamentava-se, precisamente, no facto de ela haver construído tôda a sua base na razão e nos preconceitos. Mas a minha crítica seria profundamente simplista se sòmente sob êsse aspecto se guiasse.

No fundo, os preconceitos são maneiras de interpretar os instintos, mas maneiras pouco nobres. Quando o fraco fundamenta sua moral, o faz na fraqueza, e o forte na fôrça.

Aí estão as razões que preponderaram e que construíram a própria razão. Eu sabia disso, e examinei os

fundamentos basilares até do próprio ideal. Mas o que me repugnava era a falta de dignidade das afirmativas e das atitudes. A moral não se fundamentava na pureza dos instintos, mas num desvirtuamento dêles, sob a alegação de que os instintos arrastariam o homem à crueldade, à maldade, o que não se justifica senão em parte.

É mais um preconceito êsse de que nossos instintos sejam maus, perversos, destrutivos. Êles são contraditórios e compensadores. A perfeição do mal só seria atingível por um deus. O homem conhece restrições até na maldade. A libertação dos instintos pode ser prejudicial e perigosa, quando ela é usada por quem sempre se encontrou escravizado. Mas a libertação dos intintos, como eu a concebo, não teria êsse sentido de porta aberta. Seria do-

minada pela vontade e orientada pela educação.

O que o homem precisa, é deixar de caluniar a si mesmo e elevar-se mais em dignidade. A dignidade nos fará respeitáveis ante nós mesmos e servirá de contrôle natural às nossas más tendências, sem que soframos mais tôda a gama de suas angústias.

Eu acreditava num mundo dionisíaco que viria. Transportemo-nos de um século para trás e admitamos que meu atentado contra dois mil anos de costumes contra a natureza, e de aviltamento do homem surta bom efeito!

Êsse novo partido da vida, que tomará a si a incumbência, a mais sublime entre tôdas, a superação da humanidade, nela compreendida a destruição implacável de tudo quanto é degenerado e parasitário, torna-

rá de novo possível sôbre a terra êsse *excedente de vinho donde sairá também o estado dionisíaco...* Só então deixaremos de ser homens que rezam para ser homens que bendizem...

Proclamei a necessidade de se encontrar um novo caminho para os homens. Todo o progresso que conhecemos serviu para infelicitar ainda mais o homem. Ninguém se satisfaz mais com isso. Os homens precisam, daqui para o futuro, unir melhor as suas fôrças, sem a anulação do indivíduo, isto é, conservando as pequenas produções, reduzindo, naturalmente, o desperdício que existe.

É necessário que o homem ambicione galgar as posições e subir a escada da vida. Que isso traz algumas amarguras, ninguém o nega, mas as vantagens são maiores. O

grande êrro tem sido êsse de procurar organizações perfeitas.

Julga-se o homem um pequenino deus e, por isso, deseja para si um mundo de perfeições, onde, na terra, corra leite e mel, o paraíso perdido que deverão encontrar... a terra da promissão, que êles imaginaram para encher de esperanças os fracos e os derrotados.

Tudo isso, que já vem de milênios, é que tem feito crescer, avolumar a grande insatisfação humana. As pequenas produções têm suas desvantagens, mas têm suas grandes vantagens. Ela favorece a desnivelação dos homens, cria pequenas vitórias que enchem de felicidade, porque, nela, o homem conhece a satisfação dos pequenos misteres. Até as grandes individualidades humanas amam as coisas pequeninas.

Há momentos em que só o peque-

no nos sabe à felicidade. Talvez pense que me estou mostrando socialista por isso. Mas meu socialismo é individualista. Quero homens fortes, quero aristocratas, não massas amorfas e dominadas. O homem tem de conhecer o sabor das vitórias e das derrotas. E o desejo de se sentir inteiramente amparado, na vida, só interessa aos fracos e aos derrotados. Os fortes devem conhecer o prazer de vencer a sua derrota.

Um dos caminhos que preconizei, e continuo oferecendo aos homens, consiste no domínio da natureza destrutiva, das fôrças dispersivas, para torná-las instrumentos de utilidade para a economia do futuro. Os homens construíram mais fôrças destrutivas, encadearam-nas para a própria destruição... Para mim a grandeza do homem está em manter-se senhor de sua função.

Os fracos devem ser amparados, até com crenças que os anime a viver. Haverá sempre mais satisfação na vitória de um fraco sôbre a sua fraqueza, que o gesto de valentia de um forte.

Sou, pela solidariedade humana. Sempre a defendi, embora os meus adversários tenham afirmado que preguei a separação dos homens.

Prego a solidariedade humana contra o instinto de temor e contra a servidão, as quais devemos distinguir. Solidariedade humana não é servidão nem temor. Não pensem que não defendo a necessidade de suavizar a dor dos que sofrem. Quero suavizá-la, não com paliativos, mas com remédios eficientes. O homem sofre mais porque criou uma mentalidade de sofrimento. Cabe a nós mostrar-lhe que o sofrimento constrói, é criador. Há dores fecun-

das e essas deverão ser compreendidas. O homem precisa acreditar na dor e transformá-la na antecâmara da alegria. Combato aquêles que querem transformar a dor em desespêro e querem atirar as massas humanas à luta, levando à frente o estandarte do sofrimento. O homem precisa vencer as suas limitações.

A dor é sempre uma limitação, e deve vencê-la com galhardia e superioridade. Por isso sempre amei o que sofre e tem o orgulho de guardar o seu sofrimento em silêncio, como se êle fôsse o seu maior tesouro...

O TEMA DA CULTURA

Consubstanciava-me cada vez mais com as suas idéias.

E êle prosseguia:

— Se chamássemos os graus do "ser" de graus da "aparência"? Ainda há quem aceite como fundamento da verdade a separação entre sujeito, objeto e predicado. Para os gramáticos, ainda vá; mas que dizer de filósofos que ainda acreditam na "realidade" do próprio pensamento?

Se as doutrinas fundadas no realismo opõem restrições aos idealistas, êstes últimos pecam por acreditar ser a idéia a única verdade e o pensamento, o único dado que te-

mos. Se aceitam a idéia, devem aceitar a sensação, e se aceitam a sensação, acabam no realismo. Mas que dirão de mim, se chego a duvidar até do pensamento como realidade.

Vou além e não duvido sòmente. Afirmo que êle não é realidade. Há os que fàcilmente aceitam certezas imediatas, o que serve para ilustrar a variedade dos homens de pensamento. Não ponho a realidade como oposição da aparência. Para mim a aparência é a única realidade, ou melhor, é como aparência que se manifesta a realidade. Já disse que a nossa realidade é como a do arco-iris. Quem sabe, talvez sejamos um simples "pensamento de um deus"? Já propus uma vez essa suposição: Suponhamos que na essência das coisas haja algo de enganador. De que nos valeria o "omnibus dubitare" de Descartes; êle não nos salva-

ria da armadilha. E o seu proceder poderia ainda ser uma artimanha para bular-nos e enlouquecer-nos.

O facto do eu não querer ser enganado pode ser o chamariz de uma vontade mais profunda, mais fina, e mais primordial, que precisamente quisera o contrário, isto é, enganar-se a si mesma. É preciso que o diga mais uma vez: para que o sujeito pudesse demonstrar a si mesmo, necessitaria ter fora de si um ponto fixo, e isso falta. Assim buscar a "verdade" naquele conceito ontológico, teológico, é uma das últimas ilusões humanas.

E aí está o sabor ridículo e trágico da inteligência que se julgou um sôpro divino. O homem perde, assim, uma das suas mais caras ilusões: a convicção de que possuia, em si, algo de divino.

Durante tôda a minha vida lutei para dar aos bem intencionados um método que os permitisse observar melhor o esquema do mundo. Não lhes ofereço um método para a verdade, se admitirmos o sentido ontológico da verdade ou a concepção que dela fazem a maioria dos metafísicos. A verdade, para mim, tem sentido cósmico e, para mim, é um "processus". A verdade é um "processus", um vir-a-ser, um meio que nos permite acomodar o nosso conhecimento ao esquema dialéctico do universo. Não é pròpriamente isso, perdão. Ela é o resultado dêsse "processus", deixe-me corrigir. Ela é a estratificação dêsse "processus". Por isso mesmo ela é um vir-a-ser. Dialéctica, porque reproduz dialècticamente o esquema.

Os filósofos até aqui se apoiaram na idéia de Deus. Construíram essa

idéia, segundo a sua imagem. Se hoje a idéia de deus conhece seu desprestígio, os culpados são exclusivamente aquêles que se postaram à frente do mundo, afirmando serem seus representantes na terra.

Os filósofos construíram um Deus segundo o seu desejo de filósofos: um monstro de sabedoria. E isso porque estão convencidos que a sabedoria é alguma coisa de divino (1). E ingenuamente estão con-

---

(1) Nietzsche esquece que a felicidade de um ser tem de estar na sua mais alta perfeição. A felicidade do vegetal seria plenitude vegetal, a do animal, no animal. A mais alta perfeição do homem, que não exclui a animal, está na inteligência. Portanto, o *bem estar* pode ser animal, mas a *felicitas* do homem tem que ser intelectual, porque esta é a sua mais alta perfeição. Nietzsche não desenvolvera uma maior especulação filosófica, por isso fala mais como "litterateur".

vencidos que tornar-se igual a Deus é ser sábio, que, na sabedoria, está marcado o caminho que permite, que nós, mortais, nos assemelhemos a Deus. Êle, assim, seria o cume, a verdade suprema, a "Verdade". Essa concepção é um esquema acomodado pela mentalidade de filósofos. O caçador veria em Deus o mais perfeito dos caçadores e, assim sucessivamente. Se há ateus no mundo, a culpa é dos teístas. Porque construíram êles uma imagem tão humana de Deus?

Emprestam a Deus os caracteres dos fracos. Fazem-no um monstro de bondade. A idéia da maior bondade é indigna dêle, já disse. Também indigna dêle a idéia de uma alta sabedoria. Isso pode satisfazer a vaidade dos filósofos, e essa vaidade é a mesma dos povos guerreiros, como os germanos que faziam de seu Deus

um ser guerreiro e invencível, ou dos hebreus, odientos e insatisfeitos, guerreiros em sua primitiva fase, um deus odiento, guerreiro e vingativo.

Uma vez disse: Deus é a mais alta potência... E é suficiente. A melhor definição dêle é uma indefinição: Ego sum qui sum. Para mim é simplesmente escandalosa essa maneira que os filósifos usam para definí-lo; chegam a formas verdadeiramente ridículas. Os últimos metafísicos substituíram, já que se encontram num século que herdou o espírito materialista, embora com variantes, do século anterior, a idéia de Deus por outras de carácter metafísico. Procuram a "realidade" verdadeira, a "coisa em si", em relação à qual tudo o mais é aparência.

Êles estabelecem assim, um novo dogma: o nosso mundo, sendo só

aparência, não é, portanto, verdadeiro. Chegam até a afirmar não poderem remontar a êsse mundo metafísico que consideram como causa. É impossível, para êles, que o incondicionado, quando representa essa perfeição superior, seja a razão de tudo o que é condicionado.

Kant, já disse eu, chegou a formular a hipótese da "liberdade inteligível" para desobrigar a Deus, o "ens perfectum", de sua responsabilidade da maneira como é condicionado o mundo com o intúito de explicar, assim, o mal, eximindo Deus dessa responsabilidade. Ora, isso, meus amigos, é terrìvelmente escandaloso num filósofo.

Repito: os teístas são os maiores culpados do ateísmo. (1)

---

(1) Apesar de sua genialidade e saber, N. não conhecia suficientemente a Teologia, razão porque considerava que a

Leibnitz concluiu que o nosso mundo era de uma perfeição suprema, porque era a obra de um deus. Essa perspectiva do mundo exigiria a concepção de que o mal é aparente ou como uma conseqüência de um favor especial de Deus, afim de permitir a escolha entre o bem e o mal. Assim Deus daria ao homem o previlégio de não ser um autômato. Restava, assim, ao homem, a liberdade... até de errar, ingenuamente. A fraqueza dos ideais e das doutrinas filosóficas, que deveriam dirigir o homem através do labirinto da vida, são, em parte, as determinantes das causas que predispõem a vinda do pessimismo. Já um dia as classifiquei, mas delas posso falar mais uma vez, porque elas continuam a

---

caricatura, que se faz exotèricamente da idéia de Deus, fôsse o genuino pensamento dos grandes filósofos teístas.

ser vividas, ainda. O homem tem caluniado os seus instintos; êle atribuiu seus instintos à sua animalidade; convenceu-se que a razão pertence aos deuses. Essa concepção emprestou à vida um sentido de maldição. O homem, assim, desprestigiou, ante seus próprios olhos, a beleza da vida. Mastigou, triturou sua beleza natural, chegando a exageros místicos que redundaram numa verdadeira luta contra a carne, em macerações e atentados. Hoje somos espectadores de um renascimento do ideal apolíneo. Mas, como o renascimento apolíneo, decadente.

O homem não se ergue nesse novo ideal, mas decai. Há vício e maldade ocultos atrás dessa manifestação apolínea da vida. Defendo os instintos, mas sempre combati as suas perversões, e se aceitei as gran-

des falsificações, abomino a moeda falsa e desprezo as pequenas. Mas voltando às causas que geram o pessimismo humano, que tanto predominou no mundo ocidental, após 70, do meu século, conseqüência da derrota francesa, em Sedan, e que ainda hoje domina as camadas intelectuais, sublimado em frutos que escondem sua origem maldita, uma das causas que determinam êsse pessimismo é a convicção de que os instintos não podem ser destacados da vida e, que, por conseguinte, se tornam contra a vida. Isso é fruto da má fé dos filósofos que pregam essa condicionalidade humana dos instintos. E êles pecam por uma petição de princípio: ao julgar que os instintos sejam contra a vida.

Os que não sentem êsse conflito, os medíocres por exemplo, não encontram na vida momentos de an-

gústia tão à flôr, tão à mostra, tão à superfície. A espécie humana superior que interroga, que busca, que sofre as tragédias do espírito e da inteligência, encontra um ambiente fechado, porque a prosperidade pertence aos medíocres. Eis a razão do pessimismo das "élites" ou a sua capitulação às idéias dominantes das grandes massas.

A civilização é uma saturação, uma coagulação de formas, um encurtar-se, um sintetizar-se. Não há aí dinamização, não há vida; há morte, há um endurecer-se que determina inquietações, pressas incontroláveis, rumores que se erguem, misteriosos, vindos das sombras.

O indivíduo sente-se preso ao sepulcro das idéias. Êsses rumores, essa inquietação é a voz da vida que reage contra a civilização, porque esta é roupagem inteligente e culta

com a qual a morte se veste para viver entre os homens.

Tôda essa vida, que se agita nessas cidades, é morte. Há morte nesses grandes edifícios que rasgam o espaço, como se buscassem alcançar o infinito, numa tentativa babélica prèviamente malograda. Há morte nessa arquitetura: tudo é frio, tudo esconde, atrás de si, a mesma vacuidade. Há todos os estilos, mas mortos. Há casas egípcias, romanas, gregas, mexicanas, assírias, árabes, mas em tudo isso há sempre morte, porque há estilização, há falsificação. A metrópole é a civilização. E, há, nesses homens de hoje, um acomodamento aos seus instintos. Êles os prenderam em cadeias terríveis; censuram-nos, para saírem, depois, torturados nas neuroses que êles não sabem esconder mais. Querem reter à fôrça de conhecimentos a

marcha livre das emoções, dos impulsos.

O homem nega-se, aí, nega-se no vestiário, nega-se na sua arte, nega-se nas suas falsificações, nega-se porque a vida para êle é ausência. Êle não encontra afirmativas nesses focos de luz, nem nessas artérias que rasgam as distâncias. Há sempre uma mentira que êles suspeitam e que não se atrevem a proclamar... Mas tudo isso, no entanto, não impede que nasça outro mundo.

A afirmação virá, e muito breve, porque já está fazendo falta; já soou, para mim, a "hora sexta". Tenho agora a convicção, e êsse é o meu conforto póstumo, de que minhas idéias principiam a frutificar. Temi sempre que jamais fôsse compreendido, como jamais o fui quando vivi entre os homens. Mas temi, também, que êsses, um dia, me santificassem.

Na autobiografia que escrevi, disse as minhas maiores verdades. Fui tão verdadeiro e tão sincero que me julgaram louco. Cada um de vós que falasse de si mesmo com a sinceridade, a inocência e o cinismo como falei também seria classificado como louco. São sempre anormais os que atentam contra a regra geral. Mas continuo ainda acreditando no valor fecundo das excepções.

Fui e sou um homem póstumo. Sempre arrastei na minha vida a dolorosa certeza de que nascera póstumo. Como muitos, trazia comigo o destino de ser sòmente entendido e amado, quando a morte já houvesse cerrado os meus olhos. Sigo pelos espaços, não longe dos homens e próximo dos deuses. Vós deveis acreditar nos deuses. Nossa pequenez não é uma derrota, acreditai. No imenso dos espaços há ainda es-

peranças, e o infinito ainda não respondeu a tôdas as interrogações. Continuai interrogando, porque as respostas são sempre tardias e muitas vêzes nos chegam quando já é tarde demais para nós. Mas há uma grande interrogação depois da morte. Se respondesse trairia a mim mesmo. E sabeis por que?

Porque me seguiriam como discípulos, e eu nunca quis nem quero ter discípulos. Os fortes são os que querem buscar, por si mesmos, o caminho.

Os fracos pedem uma luzinha de fé para iluminar os seus passos. Buscai nas trevas, tropeçai nos caminhos, feri vossas mãos, chorai de desespêro, ride de alegria gloriosa quando encontrardes uma resposta, mas ide, arrastando vossas vitórias e vossas derrotas, até que de vós mesmos há de nascer uma luz brilhante

e morna que iluminará os vossos passos...

— E essa luz?

— Essa luz podereis chamar Deus, podereis chamar Felicidade, podereis chamar Vitória... As palavras são diferentes, mas a emoção profunda que vos sacudirá será a mesma.

"Sei que atitudes minhas, iguais a estas, afastaram-me de meus contemporâneos. Nunca fui compreendido por êles, nem sequer pelos que me cercavam. E até hoje muitos deixam à margem as minhas idéias e outros as comentam sem as haver conhecido e examinado. Nunca fui um homem definitivo, acabado; fui um ensaio, uma experiência mental, por isso me acusaram sempre de ter sido contraditório. No entanto não havia em mim contradições inconciliáveis. Eu diferia cada dia que passava, como diferiam o mundo e as minhas circunstâncias. Mas eram os meus contemporâneos que se estabilizavam e se cristalizavam num certo número de idéias a priori, como

se o dia de hoje fôsse o mesmo que o dia de ontem, e que o dia de amanhã repetiria.

Que fazer para ser entendido por aquêles que não queriam e não podiam me entender? Minha obra era para ser ruminada e não lida. E cada um dos meus aforismos exigiam horas de meditação.

Queriam ler os meus livros como quem lê novelas. Eu não escrevi para êles; escrevi para os que meditam, para os que lêem pouco e meditam muito; por isso não me entenderam. E porque não me entenderam, quiseram me interpretar, traduzir, analisar. Basta que se observe o que entendo por trágico.

Quão poucos o entenderam. Julgaram sempre o trágico sob o ponto de vista aristotélico, que coloca sob duas emoções deprimentes: o temor

e a piedade. Se fôsse assim, já disse, a arte seria prejudicial.

Para mim a arte sempre foi um estimulante da vida, uma embriaguez de viver, uma vontade de viver. Naquela concepção ela se tornaria decadente, ao serviço do pessimismo, perigosa até para a saúde. Schopenhauer queria conceber a tragédia diferentemente, queria emprestar-lhe resignação, queria oferecer-lhe uma renúncia à felicidade, à esperança, à vontade de viver. Essa concepção, para mim, negava a própria arte.

A tragédia passaria a ser um processo de decomposição, o instinto de vida destruindo em si mesmo o instinto de arte. É preciso que se veja que a tragédia encerra um efeito tônico. Ela deve aumentar a emoção e a fôrça de viver, e não diminuí-la.

— E o amor? — perguntei.

— O amor? Coloco-o no mesmo sentido dionisíaco da embriaguez. Em todo o mundo, em todos os silêncios do mundo, já disse, o amor nada mais é que a embriaguez, tanto para o homem como para o animal. Na embriaguez mentimos a nós e ao mundo, e no amor também. Há uma suave, meiga, profunda e dionisíaca mentira, que nos torna mais fortes, mais vivos, mais profundos e também mais superficiais. A semelhança da arte com o amor é imensa.

Há em ambos a mesma embriaguez. São formas de vida, onde existe uma superação da realidade, uma transfiguração. A arte é um grande estímulo ante a vida e desloca até os valôres. Ela aumenta os valôres, e novos ritmos, e novas seduções. O homem que ama conhece superações de si mesmo, ergue-se além de suas fraquezas, cresce, supera-se. Há até

superações fisiológicas como no artista também. Êle conhece, tem o dom divino de conhecer essas superações fisiológicas. Há crenças novas que se formam, e êle acredita na virtude, no bem, no amor, no sentimento, na generosidade. Chega até a acreditar nos homens. Há no lirismo da obra de arte êsse sentimento, essa música que exprime êsse aumento de si mesmo; há crescimento de fôrças.

Falei aos fortes e os fortes não me ouviram, e já que tantas vêzes vos falei dos fracos, deixai-me falar, agora, dos fortes. Sabeis o que são para mim os fortes? Fortes são os mais moderados, fortes são os que não têm necessidade de dogmas extremos, fortes são os que admitem e os que amam uma boa parte de azar e de não-senso. Fortes são os que podem pensar no homem, reduzindo

um pouco o seu valor, sem que se sintam, por isso, diminuídos ou enfraquecidos. Fortes são os ricos de graça. Fortes são os que não temem ao sofrimento; sãos os que conhecem e confiam em seu poderio; são os que com altivez representam o poder ao qual os homens já chegaram.

É preciso considerar a necessidade de uma espécie inferior de homens para servir de base a uma espécie superior, que sôbre aquela deverá edificar o seu destino. As aventuras, os ócios, a incredulidade nunca podem pertencer aos fracos. Teriam efeitos devastadores e fariam que êles perecessem, como sempre os fêz perecer. A história está cheia de exmplos.

A regra, a moderação, as convicções sempre foram as normas que dirigiram os fracos: sempre foram

elas a sua virtude e, na realidade, são a sua virtude. Só por êsses caminhos os fracos podem conhecer a perfeição.

Êsses mesmos elementos seriam desastrosos para os fortes que não podem conhecer a regra, nem a moderação exagerada, nem a convicção que os anularia. Quando os fortes faltam, os fracos vulgarizam até as coisas superiores.

Que diremos, hoje, da arte que êles tornaram assunto do populacho? Que diremos da filosofia que êles tornaram ao alcance dos açougueiros? Êles julgam isso um progresso, quando só servirá para que vertam as suas mais ardentes lágrimas e gotas de sangue venham regar as suas terras. Os fracos, quando dominam, tiranizam os homens de excepção. É o que os faz perder até a fé em si mesmos, porque a fraqueza

dêles os arrasa e os arrasta, depois, às tendências nihilistas.

Êles tentaram, por ausência dos homens superiores, de criá-los pela divinização dos seus heróis ocasionais e passageiros, pela proclamação dos românticos, que foi uma tentativa frustrada do século passado, pela projeção do artista que êles aniquilaram pela estreiteza de sua concepção e pela mentira do seu aplauso, pela focalização dos filósofos que êles mediocrizaram. Resistiram sempre contra os homens superiores, criaram-lhes barreiras para diminuí-los. Quiseram "humanizar" até as personagens da história. Através da biografia foram buscar as categorias mais simples, os elementos mais próximos a êles para expressar a vida dos homens superiores. E não fizeram isso com inocência e cinismo, o que os teria elevado. Não! Fi-

zeram isso para engrandecerem-se a si mesmos pela depressão inconsciente dos maiores.

Quiseram erguer-se através da perspectiva atrofiada que tinham.

Buscaram a sua superação onde havia depressão, buscaram erguerem-se onde baixavam, e proclamaram depois disso tudo, como escala para a elevação humana, como elevação da alma, a compaixão para com os humildes e para com os que sofrem. Êles assim foram fiéis a si mesmos. Os fracos realizam, dessa forma, o mundo ideal dos seus desejos. Realizam, assim, a grandeza do mundo, no charco, nos vales, nas depressões. Olhar muito para o alto fere a vista, porque a luz do sol é muito viva e a perspectiva do pássaro não cabe às rãs que vivem no charco, criando uma filosofia de ho-

rizontes próximos, porque elas não querem negar o charco.

Fêz um gesto de desprêzo e prosseguiu:

E os homens julgaram-se deuses. Uma das crenças mais caras ao homem tem sido a da sua "divindade": julgou-se um Deus, bafejado pelo "espírito santo", porque Deus lhe imprimiu, quando lhe deu a vida, o sôpro vivificador que transformou o barro modelado num corpo vivo. Os baixos instintos, dizia eu, é que não permitem que o homem se proclame um deus. Essa luta, interna, abissal, profunda, dentro do homem, entre seu desejo vislumbrado de divindade e suas vísceras, seus instintos, seus desejos terrenos, seus anseios materiais, suas necessidades orgânicas — entre elas deve merecer o maior interêsse a presença da defecação — não permitem ao

homem conceber-se um Deus, o que lhe implica uma tal derrota que existem crentes que julgam uma blasfêmia contra Deus afirmar que o homem não tem nada da divindade. Mas seria uma blasfêmia contra Deus se admitíssemos no homem uma divindade.

Divindade implica desligamento telúrico. Ora, retirar o homem do mundo, ou impor-lhe a concepção de que o homem é, neste mundo, um exilado, trabalho de milênios das doutrinas religiosas anti-humanas, anti-cósmicas, portanto "anti-divinas" — transformaram o homem no nostálgico de um "além", de uma "idade de ouro" — (êsse ponto merece especial análise) — concebendo o mundo como um "vale de lágrimas", um pouso provisório de sofrimentos, etc. Reduzir o homem à "humanidade", concebê-lo como ho-

mem, como filho da terra, como conquistador dessa terra, em choque contra as suas necessidades, porque tem consciência do que possui e do que lhe falta, torná-lo um "patriota do mundo", um amante da terra, é um dever que a verdade impõe. As religiões tiveram um valor histórico, que ninguém lhes deve negar. Mas perpetuar a sua interpretação, como prosseguimento de um divórcio entre o homem e o mundo, é um crime. Integrar o homem no mundo, reduzir a natureza humana às suas dimensões verdadeiramente humanas, é aprender a amar o simples, o pequeno, não por uma imposição da divindade, mas por um impulso de orgulho nosso, de amor próprio, como o daquele homem que amasse a sua pátria, embora fraca, embora pequena, embora humilhada, embora destruída. Essa é uma nobre manei-

ra de amar. Ama o pequeno porque pequeno, não porque *devas* amar. Se o homem afirmasse que não poderia amar o simples, sem que tivesse o dedo da divindade, seria o mesmo que um pai que negasse a amar os filhos, porque fôssem feios... Ora como poderíamos permitir censuras ou louvores do Universo!

Guardemo-nos de lhe reprovar uma falta de coração ou de razão, ou até o contrário: o Universo não é nem perfeito, nem belo, nem nobre, e não quer tornar-se em nada disso; não procura de modo algum imitar o homem! Não é atingido por nenhum dos nossos juízos estéticos e morais! Não possui instinto de conservação, não possui instinto, e ignora tôda a lei.

Guardemo-nos de dizer que êle existe na natureza. Esta só conhece

necessidade: não há aí pessoa que mande, que obedeça, que infrinja. Quando souberdes que não há fins, sabereis igualmente que não há acaso: pois é sòmente ao olhar um mundo de fins que a palavra "acaso" tem um sentido. Guardemo-nos de dizer que a morte é o contrário da vida: a vida não é mais que uma variedade de morte, e uma variedade muito rara. Guardemo-nos de pensar que o mundo não cessa de criar de novo.

Não há substâncias eternamente duráveis; a matéria é um êrro semelhante ao deus dos Eleatas. Mas quando acabaremos nossos temores e nossas precauções? Quando cessaremos de ser cobertos por tôdas essas sombras de Deus? Quando teremos completamente "desdivinizado" a natureza? Quando nos será enfim permitido começar a tornar-

mo-nos naturais, a nos "naturizar", nós homens, com a pura natureza, a natureza reencontrada, a natureza libertada?

A pausa que fêz era uma exigência de respostas. E como ficasse eu calado, êle prosseguiu assim:

— O homem busca conhecer o mundo e o universo. Grande tem sido essa busca, grandes também os resultados. Mas há um universo maior dentro de nós. A alma humana é um campo imenso de novas explorações. Eu clamei muitas vêzes pelos exploradores da alma humana, clamei, e conclamei-os.

Felizmente fui ouvido em meu apêlo e hoje a psicologia, apesar de tudo, avança pelo terreno que tanto aconselhei aos psicólogos de penetrar: o terreno do que o homem chamou de inconsciente. Mas, para mim, a alma humana é consciente e

inconsciente. No consciente, como no inconsciente, o homem passa a sua vida. Durante o sono — inconsciente — passa-se quase a metade da vida do homem. A psicologia hoje estuda o inconsciente com grande carinho, com interêsse, e o consciente é a limitação, a exclusividade; é contemplativo, racional. O inconsciente é a fantasia, recordações, projetos, desejos insatisfeitos, ânsias, também experiências irracionais. Tôda uma filosofia humana — tôda uma orientação filosófica científica, estética baseou-se no consciente, apolíneo, contornante, limitativo. Eu proclamei a necessidade de se buscar os fundamentos humanos do inconsciente. A "mensagem que nos vem do inconsciente" deve ser examinada, estudada, analisada. A ciência moderna segue as pegadas que deixei impressas. Realmente construi

grande parte da psicologia actual e o que ainda a psicologia não aceitou acabará aceitando um dia. Dei a maior importância ao inconsciente — Dionísio: pode-se até traduzir a trindade ctônica Mãe-Terra-Morte, como um impulso do inconsciente. O dionisismo vem do inconsciente, êsse anseio de vida é um anseio de morte.

O prazer de repetição é um impulso de morte. A vida e a morte seriam, assim, o mesmo. Dionísio e Apolo encontrariam a sua consubstanciação no Consciente-Inconsciente. A trindade apolínea seria, então Pai-Sol-Vida. Todo o meu grito de vida talvez fôsse um impulso da morte, da terra, da fôrça geradora feminina, pela vida, pelo sol, pela fôrça geradora masculina. Meu grito torturado vida, vida, vida, por eternidade, e mais eternidade, era

o anseio da consubstanciação. Eu não a achara. O problema permanecia-me insolúvel; nem meus comentadores o encontraram. Mas aí está êle, agora: a consubstanciação do inconsciente ao consciente, é a consubstanciação de Dionísio e Apolo, é a consubstanciação das duas trindades.

Êsse o fio de Ariadna que eu descobri e que não cheguei a proclamar em vida porque a morte me impediu. Houve quem visse no apolíneo o indivíduo, como aristocratizado, separado da massa, e, no dionisíaco, o sentido vital da massa, esparramado, universalizado. A conjunção não daria mais o homem-massa, mas um homem da massa aristocratizado, superado. Interpretar ainda como a sensibilidade junto à razão foi outro sentido e orien-

tação de alguns comentadores e intérpretes de minha obra.

Todos se aproximavam da verdade, não porém de tôda a verdade. O êrro do homem tem consistido em haver construído tôda a sua ciência e filosofia no consciente, transformando êste em alicerce de seu conhecer. Esqueceu, desprezou as fôrças que aparentemente haviam adormecido — o inconsciente, a sensibilidade, os instintos, as vísceras. O homem é também isso, e trazer à tona o inconsciente, consubstanciá-lo ao consciente daria ao homem o sentido da imaginação, da fantasia, aliada à razão, e, nesse estado, dar-se-ia a transfiguração.

A razão não seria mais a razão socrática, limitada, nem a fantasia traria o sentido tumultário do inconsciente. Ambas conheceriam uma nova razão e uma nova fantasia.

Dar-se-ia, então, o ultrapassamento cósmico que o homem nunca desenvolveu nem criou.

A obra de estética, os grandes inspirados, o inconsciente à tona que forma os espíritos que sobressaem da média comum, torna-se-ia acessível. Êsse o meu sentido de nivelação, a nivelação por cima, não a nivelação por baixo. O erguimento do fraco ao forte, não a depressão do forte ao fraco. O erguimento das massas à arte, não a arte às massas. Então, aí, se poderia compreender porque eu achava possível aumentar o bem estar das massas pela arte, porque a arte oferece os ultrapassamentos e a vitória. A sensibilidade, o compreender uma obra de arte nos dão as mesmas fruições que goza quem as realiza.

Dar às massas o conceito dêsse gôzo é encantar a vida; é exalta-la,

é aproximar Apolo de Dionísio. É fazer o homem viver, não apenas para viver, mas viver para exaltar-se, para superar-se. A arte é o caminho da superação, a arte e a dignidade. A "má consciência" era para mim a conseqüência do choque entre o inconsciente e o consciente; "má consciência", com espírito de culpa, de acusação. Libertar os instintos era libertar o consciente.

Eu dava um sentido genérico ao instinto, muito mais vasto que aquêle que lhe empresta a biologia; fundava-o no sentido dionisíaco da vida. O combate, que às vêzes se manifesta em minha obra contra o apolíneo, é um exagêro humano de combatente.

A unificação do consciente e do inconsciente é possível e humana, e a sublimação, na psicologia, é um recurso falso.

Defendi outra espécie de sublimação: a vitória, — o melhor remédio para a alma, e o aconselhei aos psicólogos que o usassem. O homem sente-se feliz quando vence os seus impulsos. Eu acreditava na santidade e no gôzo profundo dos ascetas, só que o julgava contrário à própria essência da vida. Admirava-os como vitoriosos de si mesmos, mas os não aconselhava aos outros. Eram exemplos, mas que deviam erguer o homem, impulsioná-lo a buscar outras soluções, trazer à tona os instintos; libertá-los, seria a solução. Libertá-los, conhecer a si mesmo, conhecer seus impulsos, mas dirigi-los. Essa educação da alma traria o bem estar subjectivo dos homens.

Aliado ao bem estar objectivo-apolíneo ofereceria o caminho da felicidade. Porque, para mim, felicidade não é a mentira de uma satis-

fação deprimente, não consiste em o homem convencer-se que deve satisfazer-se com o pouco, que não deve desejar, que não deve revoltar-se, mas precisamente o contrário: a felicidade está em reconhecer o pouco e conquistar o mais, em vencer suas dificuldades, em ultrapassar, em melhorar sua vida. A humanidade é feliz e é capaz dos maiores sacrifícios e dos gestos mais abnegados quando admite, quando crê na possibilidade de aumento de seu bem estar. A história, até a moderna, está cheia dêsses exemplos que provam a vontade de potência das massas, motor de tôdas as grandes obras humanas, quer coletivas, quer individuais.

Em pleno fim do século dezenove, quando o materialismo psico-físico dominava as consciências científicas, falar-se em *inspiração* provo-

caria sorrisos mal dissimulados. O conceito mecânico que predominava e entrava na ciência não permitia que se avivassem teorias já esquecidas na noite dos tempos míticos e bárbaros da ciência. Quando eu ergui a voz em ECCE HOMO, tive a inaudita coragem de chamar a atenção dos homens de ciência, dos psicólogos de então, rebuscadores de tropismos e de explicações mais mecânicas dos factos psicológicos, e disse que os artistas eram os "mediuns" de potências superiores da alma, que nêles se dava um processo de revelação que tornava *audível* e *visível* alguma coisa que se agitava e se subvertia profundamente na alma, — êles riram-se de mim. E riram-se ainda mais, quando afirmei que havia nesses momentos um encantamento, e que apesar da imensa tensão de ânimo, surgiria o alívio

numa torrente de lágrimas ou nas nossas passadas que se apressam ou diminuem, ao sabor das emoções que vêm de longe do nosso ser. Um suceder que transcende a nossa vontade na qual não se procura, nem se indaga quem dá, e que, como um relâmpago, reluz dentro de nós num súbito pensamento...

Hoje a psicologia estuda a inspiração, êsse instante em que o inconsciente nos manda suas mensagens ao consciente, que os recebe espantado.

Pequeninas coisas podem nos permitir êsse instante que rompe a cadeia da consciência. Às vêzes é uma mulher. A inspiração entra assim novamente para a vida, desta vez levada pelo braço da psicologia. Os que riram de mim como se portariam agora? Êles negavam a inspiração simplesmente porque não a

conheciam, e o seu consciente era demasiadamente sêco, demasiadamente forte, granítico, para permitir que viessem do fundo do ser êsses relâmpagos que iluminam...

Êle baixou a cabeça como sob o pêso de seus pensamentos. Tive vontade de interrompê-lo para fazer algumas perguntas. Mas, nesse instante, êle ergueu para mim o rosto. Estava transfigurado. A tristeza, uma tristeza profunda, avassalava-lhe a face pálida, onde os olhos brilhantes, de um brilho aquoso, poderiam indicar um prenúncio de lágrimas. E num tom de voz, o mais profundo que até então êle pronunciara, disse mansamente estas palavras:

— A impossibilidade de comunicar-se, é, em verdade, a pior das solidões: a diferença de natureza é uma máscara mais impenetrável que qualquer outra máscara de ferro.

Sòmente entre iguais pode haver comunicação real, plena, perfeita. Entre iguais! Palavras embriagadoras, cheias de consôlo, de esperanças, de sedução, de felicidade, para quem sempre e necessàriamente foi um solitário; que jamais encontrou uma criatura feita especialmente para comunicar-se com êle, embora bem a tenha buscado por diferentes caminhos; que no comércio diário foi sempre um homem dissimulado, benévolo, sereno; que conheceu por uma experiência demasiado longa, a arte requintada que se chama cortesia; mas que conheceu também essas explosões dolorosas e perigosas da desesperação escondida, — do desejo de amar mal contido, sùbitamente desencadeado, que existe no fundo de seu ser — a loucura repentina das horas em que o solitário se atira aos braços do primeiro

recém-chegado e o trata como a um amigo, como a um enviado do céu, como a um presente inestimável, para repeli-lo logo para longe de si com desgôsto, cheio de desgôsto também para consigo mesmo, com o sentimento de levar algo fenecido dentro de si, de certa caducidade íntima, estranho a si mesmo, enfêrmo de sua própria sociedade. Um homem profundo tem necessidade de amigos, a não ser que tenha encontrado o seu Deus. Fui precisamente essa alma que buscou sempre uma alma irmã da minha. Procurar sempre um homem e não encontrar mais que uma bêsta de rebanho... Doía-me dizer isso, mas dizia, quase com desespêro. Na profundidade silenciosa da minha solidão eu não calava; meus gritos, meus brados proferidos eram imprecações feridas. Buscava em mim mesmo o cós-

mico, o universo, Deus, para que enchesse aquêle vazio que me torturava.

Era bem ali que eu sentia, naquela solidão, como eu era um campo de batalha. Dentro de mim se travava a luta eterna da minha própria desesperação, de meus desencantos com os desejos impossíveis, o caminho, o fio de Ariadna que eu buscava. Às vêzes mentia para mim mesmo.

Só eu sei o que isso significa...

Depois dessas palavras seu rosto permaneceu mais triste e seu olhar mais distante.

E num tom de voz que me fêz estremecer, êle prosseguiu soturnamente:

— Quase sempre e em tôdas as partes foi a loucura o que facilitou o caminho à idéia nova, o que rompeu com as prescrições de um cos-

tume, de uma superstição venerada. Já Platão afirmava que a loucura expandira sôbre a Grécia os maiores benefícios. Eu acreditava na loucura, mesmo simulada, como a única fôrça capaz de romper as cadeias da sociedade. Há sempre algo de terrível e respeitoso no louco. E quantas vêzes, na história, aquêles que quiseram erguer um gesto de rebeldia simularam-se de loucos, para dizer as verdades. A loucura é sempre fecundadora nesses casos, e é preciso um grão de loucura para que se possa ver com olhos impessoais e se possa penetrar no fundo das coisas.

Senti o trágico quando êle, com os olhos perdidos na distância, repetiu estas suas desesperadas palavras:

— Quem ousaria lançar um olhar no inferno das angústias morais, amargas e inúteis, em que se consu-

miram provàvelmente os homens mais fecundos de tôdas as épocas? Quem se atreveria a escutar os suspiros dos solitários e dos extraviados? Quem compreenderia aquêles que pediam aos poderes divinos a loucura?

A loucura, afinal, para acabar por crer em mim mesmo! Enviai-me delírios, convulsões, horas de claridade e de obscuridade repentinas; espantai-me com estremecimentos e ardores que não tenha ainda experimentado mortal algum; rodeai-me de estrépitos e de fantasmas; deixai-me uivar, gemer e arrastar-me como uma bêsta, sempre que por êsse modo consiga a fé em mim mesmo. A dúvida me devora; matei a lei, e esta me inspira o mesmo horror que aos vivos um cadáver; por estar acima da lei, sou o mais réprobo entre os réprobos. O espírito novo que há

em mim, de onde vem, de vós? Provai-me que sou vosso. Só a loucura o demonstrará.

Estas palavras não foram minhas, mas eram minhas e as usei também. Eu que analisei as conseqüências terríveis do anacoretismo, fui um anacoreta; eu que combati tenazmente os ascetas, fui um asceta. Havia em Jerusalém, nas épocas de maior ascetismo, estabelecimentos para os santos malogrados, para aquêles que não haviam conseguido, através dos seus esforços, atingir a santidade. Eram hospitais para aquêles loucos. Mas quem diria que, na loucura, não haviam êles encontrado o caminho que desejavam. Eu também pedi a loucura aos deuses e êstes me ouviram...

O TEMA DA MORAL

Nietzsche, o imoralista! Nietzsche, o destruidor da moral, o "degenerado" e "bárbaro devastador", o "monstro da maldade", o "filho do Satã"... Tôda a literatura mundial está cheia dessas exclamações. Todos os que não o entenderam, piedosamente, juntaram à fogueira do filósofo sua lenhazinha de acusação. Contra Nietzsche se elevam em côro as vozes de todos os que não leram as suas obras, com as dos que não estiveram à altura de compreendê-las.

No entanto, o "monstre" que morreu nos alvores do nosso século, está

presente, vivo, aí, em todo o pensamento dos nossos anos que não puderam desviar-se da órbita traçada por êle.

Dos temas que Nietzsche formou a espinha dorsal de sua filosofia, o da moral é um dos mais presentes de sua obra, por que êle foi também o grande moralista, e analista da moral e o rebelado ante a sua improcedência.

Êle rebelou-se contra a moral cristã, para êle uma moral de calúnia, essa moral que fugia do homem verdadeiro para transformá-lo apenas num vencido, num odiador da vida, num conformado.

Na moral burguesa que se instalava, Nietzsche viu a decadência da moral já de decadência do cristianismo. Os últimos valôres nobres se perdiam ante o burguês "prático", concuspicente, voraz, mesquinho.

Nietzsche não suportava, não tolerava, não transigia nunca com o realismo ontológico, o platonismo de que estava eivado o idealismo em geral, e, especialmente aos seus olhos, o cristianismo. Tôda filosofia, não resta dúvida, sofre, necessita e precisa da abstração. Nisto ela tem algo de platonismo. Nietzsche exagerava tanto quanto possível em não condescender nunca com êsse abstracionismo peculiar e necessário da filosofia. Como o cristianismo o acentuava vivamente, sua repulsa era ainda maior.

Por outro lado se deve ainda salientar que Nietzsche em sua crítica ao cristianismo procede romànticamente a Rousseau, e não nas pegadas iluminísticas de Voltaire, do Aufklaerung que via no cristianismo apenas o monstro feroz e sanguinário, o Torquemada, os Cruza-

dos, os Pizarros, o assassínio dos albigenses. Nietzsche, como Rousseau, via no cristianismo o desvirilizador dos homens, o caluniador da vida. Êle que tentou rebelar-se contra o romantismo, que desejou ultrapassá-lo — e ultrapassou-o em muitos aspetos — foi, no entanto, um romântico nessa luta.

Para Nietzsche a igreja traíra Cristo. Êste fôra o primeiro e o único cristão. A igreja não quis cumprir os seus mandamentos nem quis imitá-lo, e se o cristianismo para êle era um produto de ressentimento, excluia, no entanto, a figura de Cristo que, para êle, era isento de ressentimento.

A exagerada justificação pela fé era uma conseqüência da Igreja negar-se, por falta de coragem e de vontade a cumprir a obra de Jesus. "O Cristianismo é alguma coisa de

diverso do que se tornou, do que fêz e quis o seu fundador... Jesus opôs uma verdadeira vida...

Nada tão distante dêle que o estúpido absurdo de um Pedro eternizado, de uma eterna sobrevivência da pessoa. Jesus tende diretamente a criar "o reino dos céus" no coração e não encontra os meios na observância dos ritos da Igreja judaica". Êle não tomava em nenhuma consideração as fórmulas nas relações com Deus; para êle, a religião é puramente interior.

O cristianismo segue assim a filosofia anti-telúrica de Sócrates que Platão difunde. Mas êsse espírito existe no homem que vive contraditòriamente, êsse impulso centrífugo de se exilar da terra como o impulso centrípeto de viver nela adormecer em seu sono último.

Para Nietzsche, o verdadeiro exemplo de Cristianismo está em Pascal, a quem êle tanto admirava, cuja "destruição" êle nunca perdoara. A angústia pascalina é uma deformação do cristianismo. Nietzsche já o havia compreendido; no entanto, em sua crítica, viu no "s'abêtir" de Pascal, o exemplo mais típico do verdadeiro proceder cristão.

É preciso contudo ser-se justo. Se não procedem as acusações que os seus adversários lhe fazem, também não procedem as que fazia aos outros. Se não é Nietzsche o "louco degenerado", porque havia grande religiosidade em sua alma, como o demonstrou em "Zaratustra", e tivemos naquela obra, oportunidade de provar, se êle não "podia crer", na verdade, o de que descria era a caricatura que êle formava, seguindo, neste ponto, as influências de

tantos inimigos do Cristianismo. E, aqui, foi êle bem frágil e "bem rebanho", pois deixou-se acaudilhar por todos os grandes acusadores que infamaram, através dos tempos, uma religião que, se deu homens que não estavam à sua altura, não deixa, contudo, de representar o que de mais alto o homem conheceu.

Tinha êle uma visão deformada da moral cristã, e confundira as grandes virtudes pregadas pelo Cristianismo com as formas viciosas com que elas surgiram através dos tempos, as quais não refutavam aquelas, mas apenas demonstravam a natural fraqueza do homem, tão fàcilmente arrastado às falsificações.

O Cristianismo não é algo diverso do que Cristo pregou e Cristo fêz. É apenas isso e nada mais. Se somos fracos, e não cumprimos essa

lição, a culpa é do homem e não da sua doutrina.

Pode-se refutar alguns cristãos, não o cristianismo. E entre os cristãos é preciso compreender a grandeza de um São Francisco de Assis, de um São Vicente de Paula, e tantos outros, cuja vida é um exemplo do que de mais alto pode alcançar o homem.

Se Nietzsche se dedicara ao estudo da ética cristã, se demorara um pouco no estudo da bora de seus grandes autores, dos seus grandes filósofos, teria compreendido o que não entendeu e não teria contribuído para mais uma falsificação.

Para quem não compreende profundamente o sentido do Cristianismo pode julgar que Pascal representava o ápice. Não nos cabe negar o valor que tem. Não é porém em bestializar-se que o cristão se realiza

plenamente. Porque a realização suprema do cristão é erguer-se na luz, na superação humana, para alcançar o mais alto e mais grandioso que está além de nós.

Foi considerando tais aspectos de sua filosofia, que eu lhe dirigi a palavra nestes têrmos:

— Para mim, foi o sr. profundamente ético em sua crítica à moral cristã. Nunca o senti um destruidor total, mas quem procurava, no seu ataque, mais construir do que destruir. Não sei se isso lhe agradará, mas o interpretei assim.

— Quando enumerei os graus da fôrça criadora, coloquei o legislador, o filósofo no cume da hierarquia. O artista e o conquistador situei-os muito abaixo. Para mim o filósofo é um artista, é um conquistador, é um legislador também. Múltiplo, êle encerra em si tôda a gama dos graus superiores da fôrça cria-

dora, porque, na verdade, só o filósofo cria.

Êsse descobridor de valôres, êsse inventor de valôres — e sempre empreguei êsse têrmo em seu sentido mais clássico — é um criador porque, ao estabelecer um fim diferente, êle modifica os meios.

Já disse que ao querer a transmutação dos valôres não os quis substituir pelos valôres polarmente contrários.

Não preguei um retôrno à natureza primitiva do homem, e o meu imoralismo não foi uma inversão de valôres, nem quis desencadear no homem a bêsta que dizem viver-lhe no âmago. Além disso não calunio o homem ao julgá-lo apenas um monstro enjaulado pela vontade e pela educação. O meu homem natural não era o romântico rousseauniano nem o monstro dos cristãos.

Não falei numa seleção que lentamente realizaria no homem o superhomem?

Não vi no homem a ponte entre a bêsta e o superhomem? Como poderia o meu superhomem ser a bêsta? Mas era o superhomem que potencialmente existe encadeado na bêsta. Não disse eu em "Aurora": "Não nego que se deva evitar e combater muitos dos actos taxados comumente de imorais e igualmente que se deve também favorecer e realizar outros que são considerados morais. Mas num e noutro caso não é pelas razões que são geralmente considerados".

O homem criador é o homem livre, e só na plena realização da sua liberdade é êle criador, porque só há criação onde há liberdade. O exercício da liberdade torna o homem criador, embora não seja ela

alcançável por todos, porque não basta dizer aos homens que são livres para que se tornem realmente livres e criadores. Se muitos nunca poderão exercitar a liberdade, a culpa não é da liberdade — essa bela palavra que só deixa de ser palavra quando é praticada e se torna acto — mas do homem que a teme. E quem teme a liberdade nunca é criador. E a primeira libertação do homem está em libertar-se de si mesmo, essa luta imensa que travamos dentro de nós mesmos, contra todos os nossos demônios, guardados por séculos e séculos, que se manifestam nos preconceitos ferozes.

E êsses preconceitos tecem a teia de aranha da metafísica moral. E a luta ingente que empreende o homem, que quer ser livre, pela conquista de sua liberdade, é uma luta contra a moral estratificada. Êsse

grande acto de libertação realiza o grande imoralista, o vencedor de si mesmo, aquêle que compreende que tem sido apenas o amante de si mesmo, e que se despreza, mas, ao desprezar-se, ergue-se acima do desprêzo pela desprêzo do desprêzo, e cria, pela vontade e pela fôrça, a liberdade interior.

Sempre compreendi que a moral tem por função tornar possível a vida comunitária. Todo rebanho é moral, todo rebanho precisa de uma moral. Mas aqui devemos examinar bem o que eu queria dizer, o que eu compreendia e que poucos compreenderam. Essas regras societárias são prescrições necessárias, de utilidade social, e trazem o cunho de sua época. Não são imutáveis nem eternas, nem sobrenaturais nem perfeitas, mas criadas pelos homens para regularem entre si as

suas relações, impostas pelos chefes aos subordinados, pelos dominadores aos dominados. Nem sempre há uma justificação para essa nova ordem, que se apresenta como uma "ordem moral", "um imperativo moral", emanada de um Deus que a justifica.

Essa moral heterônoma, imposta, escolhida pelos dominadores, imposta pelo passado e predominante no presente pela vontade dos que representam os interêsses do passado, é odiosa para mim. Quis substituir o "tu deves" pelo "eu quero". O homem não é homem enquanto não puder praticar êste grande acto de liberdade, que o tornará senhor de si, quando respeitará a dignidade alheia por amor à sua própria dignidade, e assim o fará porque quer e não porque deve.

Os que afirmam que o homem é

incapaz de atingir êsse reino de liberdade, replico-lhes que é a sua fraqueza que fala através de suas palavras.

Reconheço, e sempre disse que é preciso ser imensamente forte, ter mais fôrça que um leão, para vencer a resistência da cadeia dos preconceitos e deixar-se guiar pela própria consciência e criar para si uma moral autônoma, uma moral de homem livre.

As virtudes, disse eu, são tão prejudiciais como os vícios quando permitimos que elas reinem sôbre nós impostas de fora, como uma autoridade e uma lei, em vez de produzi-las nós mesmos. Expressei sempre minha simpatia pela moral autônoma, pela moral livremente aceita e livremente realizada, e reconheci também que os fracos são precisamente aquêles incapazes de encon-

trar em si a liberdade, essa liberdade criadora.

Todo o homem livre é criador, e precisa criar, porque a criação é a sua segunda natureza, sua alegria, sua própria vida; mas os *bons* querem que o antigo subsista. Todo inovador é um blasfemo, é um derruidor de ídolos, um infamador, um corruptor dos valôres sacro-santos.

Eu já disse que o que é taxado de *bom* foi antigamente uma novidade, isto é, julgado imoral. Já disse que nenhuma forma que tome o bem e o mal é eterna. Nem tampouco devem ser eternas. Elas devem proliferar, crescer e transformarem-se. É um acto de violência querer estabelecer o bem e o mal. Todo o bem e todo mal correspondem apenas ao interêsse dos *bons*, dos dominadores, por isso põem êles tanta fôrça e tanto entusiasmo em sua mo-

ral, e proclamam-na com tanta paixão. Vejam tôdas essas grandes palavras. Elas encerram sentidos diferentes. Amor, justiça, honradez, prudência têm hoje o sentido de outras eras? Não; os novos dominadores conservam os mesmos envólucros, mas mudam o conteúdo; êles também são inovadores na moral, mas quando dominam, tornam-se conservadores do passado.

Muitos julgaram que o querer criador, que a liberdade criadora, fôsse um impulso desenfreado. Em meu "Além do Bem e do Mal" e em meu "Zaratustra" sempre afirmei que somos "homens do dever". Não quero me justificar porque dispenso as justificações. Como poderiam êles compreender êsse grande amor, êsse amor extraordinário que criaria os homens do futuro, que sempre desejei e nêles acreditei sempre.

Sou feliz, escrevi eu, ao verificar que os homens recusam pensar na morte. Meu maior desejo seria tornar a vida ainda cem vêzes mais digna de ser o único objeto de seus pensamentos. Vontade criadora e bondade é uma só e mesma coisa. E disse mais: A felicidade está no crescimento da originalidade individual. Tiranizar a outrem é empobrecer a si mesmo. Gozar da originalidade dos outros, sem cair nunca na imitação servil, êste será talvez um dia o símbolo de uma civilização nova.

Essa a minha moral, a moral de um homem livre, daqueles que desejam realizar o supremo mandamento dos homens livres: "fazer de si uma personalidade completa".

Na história dos sêres vivos, o indivíduo foi o mais gigantesco dos acontecimentos, porque o indivíduo

é um ser interamente novo e criador de novidade. Sei que são poucos os livres hoje, mas sempre afaguei a esperança de que, em mil anos embora, os homens seriam capazes de criar tantos sêres livres quanto são hoje capazes de criar almas de escravos.

A personalidade é um fenômeno excepcional, inaudito, quase um milagre da natureza, e seu grande valor está precisamente em ser assim, raro, inaudito, assombroso. É necessário um rebanho para que a individualidade se distinga. Inútil querer ultrapassar o fôsso; não se criará nada de viável. Ao contrário, é necessário aprofundar sem cessar as diferenças.

Interrompi-lhe com estas palavras:

— Permite que o interrompa? — Não me respondeu, mas sua atitude

de expectativa era uma afirmação. Aproveitei para dizer: — A diferença entre a grande personalidade e o rebanho é que distingue o primeiro. Desta forma chegaríamos à conclusão de que a personalidade exige o rebanho, e só pode existir personalidades grandes onde houver rebanho. Perdôe-me discordar. Seu pessimismo, neste ponto, sempre me preocupou, embora o compreendesse como fruto das condições de sua época, de sua própria personalidade, de sua própria dialéctica. Não vejo valor, e foi o sr, mesmo quem disse uma vez, na exaltação de alguém pela depressão do terreno à volta. Para erguer grandes individualidades à custa do rebanho e pela manutenção do rebanho, não valorizamos aquelas.

Devemos crer, aliás eu quero crer, porque essa crença me é necessária

para minha própria afirmação, de que a todos é dado a possibilidade de se erguer acima do rebanho, bem como até a liquidação do rebanho pela civilização de homens livres, numerosos, dominadores.

— Mas, meu caro, eu também acreditei nisso. É natural que nos momentos de exaltação chegasse a afirmações um tanto exageradas. Mas sempre fui fiel para comigo mesmo e disse sempre o que senti, o que vivi, o que experimentei.

Combati a tentativa de nivelar; combati o nivelamento que era um ideal no meu tempo. O nivelamento era apresentado com tanta audácia, com tanto entusiasmo, com tanto calor, que me vi forçado a reagir com o mesmo ardor pela separação, pelo abismo. Não que seja necessário para homens superiores existir uma humanidade de pigmeus. Meu

caro, propus sempre a igualdade dos iguais e a desigualdade dos desiguais. Os afins devem procurar-se entre si; os grandes são raros, sempre raros, mas a liberdade criadora poderá aumentar o número dêsses raros. Os medíocres, o membro do rebanho, necessita de uma moral de rebanho. Quando me rebelei contra a revolta dos escravos é porque êstes não queriam ser senhores, mas tornar escravos a todos.

Essa igualização é um crime porque é a maior injustiça que se pode praticar contra os homens superiores. Repudiei sempre com a máxima energia o falso idealismo dos que desejam destruir o egoísmo do eu individual. Hipócritas e covardes quiseram destrui-lo, quando êles mesmos não passavam de meros produtos degenerados dêsse mesmo egoísmo. Quando o homem ama ou

quando odeia, êle conhece o gôzo de si mesmo.

Combati o hedonismo como um falso preceito moral, porque êle quer tornar um fim o que apenas é um meio para o homem. Êste até quando se humilha quer engrandecer-se, quer ser grande quando se abaixa. Quem pode negar o prazer de fazer o bem? Eu disse que a magnanimidade é uma vingança sublimada. O homem piedoso conhece o gôzo de sentir-se superior ao irreligioso ou ao arreligioso.

No fundo, o eu trabalha como o faz uma célula do organismo. Subjuga e mata; êle se apropria do bem de outrem e usa de violência. Quer regenerar, sem perpetuar-se, e prolifera.

Ao juntar-se aos seus semelhantes, ao apoiar-se mùtuamente uns nos outros, êle sente a potência da

multidão que o potencializa e nela se integra, porque se sente mais forte. Quem se sacrifica por outrem, como a mãe que se sacrifica pelo filho, como o soldado que morre pela pátria, realizam o sacrifício de uma parte de si mesmo em benefício de outra parte de si mesmo. O eu não é uma unidade-bloco, mas uma pluralidade, já o disse. A alma humana vive dessa pluralidade. Por isso nunca acreditei em desinterêsse e repeli sempre aquêle conhecimento desinteressado de que falava Kant.

O homem deixaria de ser homem se fôsse negar dentro de si a si mesmo, se renunciasse a si mesmo. E ao renunciar a si mesmo renunciaria a tudo quanto lhe resta de grande e de próprio. A guerra existe em tôda a existência, em tôda a alma humana, mas a guerra no velho e

lato sentido de Heráclito, e não aquela guerra que acidentalmente sucede entre os homens, a guerra de destruição, mas aquela que é a vitória sôbre o adversário, o bom adversário digno de respeito. Não combati totalmente as guerras nem fui um mero defensor delas. Há guerra, e há guerra...

Fim do 1.º volume

*

Composto e impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S. A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225 - 235
em novembro de 1958
São Paulo

*